

# BLUMENAU

*em Cadernos*



FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU  
26 ANOS

TOMO XXXIX  
MAIO 1998  
NÚMERO 05

ISSN 0006-5218

# BLUMENAU

*em Cadernos*

**Fundação Cultural de Blumenau**  
Braulio Maria Schloegel  
*Presidente*

**Diretoria Administrativo-Financeira**  
Maria Teresinha Heimann

**Diretoria Histórico-Museológica**  
Sueli Maria Vanzuita Petry

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
*Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"*

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de  
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -  
il.  
Mensal

**Revista "BLUMENAU EM CADERNOS"**  
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva.**



FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”

**BLUMENAU**  
*em Cadernos*

BLUMENAU



COPYRIGHT © 1998 by Fundação Cultural de Blumenau

### **CAPA**

*Projeto Gráfico:* Silvio Roberto de Braga

*Acervo:* Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Imagens de mulheres blumenauenses:

*Contracapa:* mulheres não identificadas.

*Capa (esquerda para direita):*

**Lieselotte Freitag**, nascida Schindler;

**Frieda Zimmermann**, primeira miss de Blumenau;

**Edith Gaertner**, atriz blumenauense.

### **DIREÇÃO**

Sueli M. V. Petry

### **CONSELHO EDITORIAL**

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,

Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

### **APOIO TÉCNICO**

Maria Teresinha Heimann, Gilberto da Silva Santos

### **DIGITAÇÃO**

Edelberto Hartmann Júnior

### **DIAGRAMAÇÃO/EDITORIAÇÃO**

Cristina Ferreira

### **PRODUÇÃO GRÁFICA**

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| Cartas de Famílias<br><i>Teresa Stutzer</i> .....  | 07 |
| Carta aos pais e parentes (06/4/1846 e 26/6/1846)<br><i>Hermann Blumenau</i> .....                                   | 16 |
| As Velhas Páscoas / O Maravilhoso Cinema Caseiro<br><i>Urda Alice Kluger</i> .....                                   | 20 |
| Comércio Antigo em Blumenau<br><i>Alfred Luiz Baumgarten</i> .....   | 25 |
| Pomerode: a criação de uma cidade turística através da reinvenção<br>de suas tradições<br><i>Roseli Zimmer</i> ..... | 27 |
| Hercílio Luz e a Reforma do Palácio do Governo (1894-1898)<br><i>Fabio Adriano Hering</i> .....                      | 34 |
| Escola de Natação / Automóveis e seus problemas<br>.....   | 46 |
| Ata de Constituição da Comissão de Turismo do Vale<br>.....  | 50 |
| As Endemias não estão na História<br><i>Theobaldo Costa Jamundá</i> .....  | 53 |
| Quem foi João Maria / Mais que uma Antologia / Outros Livros<br><i>Enéas Athanázio</i> .....                         | 57 |





**Documentos  
Originais**  
Correspondências

**Cartas  
de Famílias**

Texto:

TERESA STUTZER

*A capa que abre a edição da revista Blumenau em Cadernos buscou como temática mulheres blumenauenses. São imagens de mulheres que ajudaram a construir a história do Vale do Itajaí.*

*Geradora de numerosa família e responsável pela economia doméstica, a mulher foi a grande companheira que enfrentou todas as dificuldades. O amor que dedicou aos filhos e ao marido lhe proporcionou coragem para suportar a saudade, os sacrifícios e a dura vida do seu cotidiano.*

*Foi participante ativa na organização de instituições com fins sociais, culturais, assistenciais, educacionais e quando solicitada, sua presença era o referencial nas decisões.*

*A carta que ora publicamos permite fazer algumas reflexões sobre esta mulher que participou do processo colonizador.*

*Escrita por Tereza Stutzer em 1886, está publicada no livro "O Vale do Itajaí". O autor, Gustav Stutzer, era seu esposo. A família viveu alguns anos em Blumenau, transferindo-se anos depois para São Paulo. Tereza Stutzer tornou-se escritora e publicou contos e romances voltados à temática da imigração.*



\* Traduzido por Annemarie Fouquet Schünke.

Blumenau, 21. Januar 1886.

Liebe Josephine!

..... Du meinst, Du möchtest gar zu gern einmal in unser Haus sehen, könntest Dir auch nicht recht denken, wie wir unsre Tage verlebt. - Du weißt, daß Gustav ein nach hiesigen Begriffen großes Haus für uns gemietet hat. Es ist nicht mehr ganz neu, aber Gustav hat es ganz neu streichen lassen, so daß es einen sehr freundlichen Eindruck macht. Es liegt ganz frei, von Garten, Hof und Past umgeben, hart an der Landstraße, der Hauptverkehrsader der Kolonie. Vor der Front des Hauses, der Straße zugewandt, zieht sich die aus Brettern und Palmiten aufgeführte Veranda hin, die ein Ziegeldach hat, so daß wir sie auch bei Regenwetter benutzen können. Wir lieben sie sehr. - Den Eingang in unsere Wohnung haben wir von der Seite genommen, von dem kleinen offenen Gang aus, der das Küchengebäude mit dem eigentlichen Wohnhause verbindet. Du trittst aus einen kleinen Korridor, der führt Dich gerade aus in unser Wohnzimmer; ein großer Raum, die frühere Vende (Verkaufsstelle, Kaufladen). Wir haben die Wände pompejanisch rot streichen lassen. Türen und Fenster haben weißen Ölfarben-Anstrich. Tapeten sind hier im Lande nicht wohl angebracht, sie halten schlecht, auch sind sie leicht, wenn sie sich irgendwo gelöst haben, ein Schlupfwinkel für Baratten und anderes Ungeziefer. - Hier im Wohnzimmer steht unser Flügel, den Fenstern gegenüber ein Sopha, meist mit gerissenen Maisblättern gestopft, was wir mit starken Gabeln selbst besorgt haben, das Reißen nämlich. Pferdehaare sind sehr kostbar. Ein hiesiger Tapezierer hat uns das Sopha gepolstert. Es hat eine neumodig altdeutsche Form und harmoniert durchaus mit Tischen und Holzchemeln, die wir uns hier von Zedernholz haben anfertigen lassen. Ein hübscher Nähtisch vor dem einen Fenster, Notenhalter, ein Blumentischchen und ein großes Bücherregal, das ist das Meublement. Denke Dir dazu unsere Bilder und Spiegel, die Du ja kennst, und Du wirst ein Gefühl von Heimat empfinden.

Am meisten imponiert unser Büchergestell. Das aber gerade macht unsern Kindern viel Arbeit. Täglich müssen sie es gründlich nachsehen und abstäuben. Die Baratten, diese gräulichen Tiere, sind gerade hinter den Büchern wie toll her und benagen die hübschen Einbände auf fürchterliche Weise. Rot und lilla scheint ihre Lieblingsfarbe zu sein, da sieht man die Spuren ihrer



Blumenau, 21 de janeiro de 1886

Querida Josephine!

... Dizes que gostarias de dar uma olhada em nossa casa e que sequer consegues imaginar o nosso cotidiano. Já sabes que Gustav alugou uma casa considerada grande para os padrões locais. Não é bem nova, mas ele mandou pintá-la e assim está com um aspecto bem agradável. Está bem situada, de frente para a estrada principal, rodeada pelo jardim, pátio e pasto. Na parte da frente da casa em direção à rua estende-se uma varanda construída em madeira e palmito e coberta com telhas e, desse modo, podemos utilizá-la também em dias de chuva. Nós a adoramos! A entrada da casa é ligada pelo lado por um pequeno corredor aberto que une a cozinha com a parte residencial. Um pequeno corredor nos leva diretamente à sala de estar, um ambiente grande que em outros tempos já foi uma venda. Mandamos pintar as paredes com um vermelho pardo (pompeiano). As portas e janelas têm uma pintura em óleo branco. Papel de parede não é próprio para este país, não dura muito e além disso é fino e quando descola é um lugar ideal para baratas e outros insetos.

Aqui na sala está nosso piano de cauda, no lado oposto da janela o sofá estofado com palha de milho rasgada por nós com garfos fortes, pois a crina de cavalo é muito cara. Um estofador local fez o trabalho. O sofá tem um estilo mais atualizado do "altdeutsch" e combina com as mesas e banquetas que mandamos fazer em cedro. Uma bonita mesa de costura perto da janela, porta-notas, uma mesinha para flores e uma grande estante para livros formam a mobília. Imagine nossos quadros e o espelho que conhecestes e compreenderás o que nós sentimos em casa. O que mais ressalta é a estante de livros, mas que dá muito trabalho às crianças, pois precisam tirar o pó e revistá-la diariamente. As baratas, estes animais detestáveis, adoram comer as belas capas. Ao que parece o vermelho e o lilás são as duas cores prediletas, pois é ali que deixam o rastro de sua atividade. Verdadeira praga são os besouros, semelhantes aos escaravelhos, são moles e se os esmagares desprendem um cheiro desagradável. Depois que se instalaram na casa não há nada que se possa fazer contra, como é o nosso caso. Se hoje matas uma barata, amanhã vais en-



Tätigkeit am meisten dran. Daß ich gleich von dieser wirklichen Landplage sage - es sind Käfer, wie Maikäfer anzusehen, aber so weichlich; wenn Du sie zertrittst, ist es ein Brei und sie riechen abscheulich. Da ist nichts, was Du vor ihnen verbergen kannst, wenn sie sich, wie leider in diesem Hause, erst einmal eingestriet haben. Eine Baratte machst Du heute tot, morgen sind 20 an derselben Stelle. Sie wohnen hier im Hause in den Balken und unter den Dielen. Nur durch äußerste Vorsicht kann man Schränke und Komoden vor ihnen sichern. Man sagt, sie fressen auch Zeug an; das haben sie bei uns noch nicht probiert. Wenn man in einem neuen Hause von vornherein darauf achtet, soll es gar nichts zu sagen haben. Luft, Licht und Reinlichkeit, vor diesen 3 Faktoren streicht auch in Brasilien das Ungeziefer die Segel. Aber wir haben sie hier nun mal. Und glaubst Du wohl, daß man sie beinah gewohnt wird? So schrecklich, wie im Anfange unseres Hierseins, sind sie mir nicht mehr.

Wir wollen sie sein lassen - ich will Dich weiter im Hause führen. Neben dem Wohnzimmer ist ein kleines Eßzimmer, mit resedagrüner Ölfarbe gestrichen, da steht unser Eßtisch, ein hier sehr schön gearbeitetes Buffet, mein Schreibtisch, und meine Komode (auch alte Bekannte), ein Nähtisch und ein kleiner Schreibtisch von Emilie. Eine Tür führt von da aus direkt in den Garten. - Vom Wohnzimmer aus betritt man die Varanda. An diese beiden Zimmer grenzt nach hinten zu an der einen Seite unser Schlafzimmer und mein Schrank und Nähkämmerchen; an der andern Seite eine kleine Kammer mit zwei Betten und unsere sogenannte Schultstube. Vom Korridor aus führt eine kleine enge Treppe auf den Boden, wo in noch drei Räumen meine Kinder und die Mädchen schlafen.

Im ganzen Hause findest Du keinen Stuhl, der mit Rohr geflochten ist. Korbmacher giebt es hier noch nicht. Weit ab, hinten in der Kolonie, sollen es einige Italiener verstehen. Was man von derartigen Stühlen hier in der Kolonie sieht, kommt aus Deutschland, meist sog. Wiener Möbeln. Mit den Bildern, besonders den Photographien, muß man sich auch etwas in Acht nehmen; sie verblassen hier so leicht. Unsere Spiegel haben wir alle besonders verkitten lassen; der Tapezirer verstand sich darauf, sie luftdicht zu verschließen. Hätten wir es nicht getan, so hätte sich in kurzer Zeit die Quecksilbermischung dahinter in der so feuchtwarmen Atmosphäre zersetzt.

Vor der Küche, vom Korridor aus, liegt das Leutezimmer, auch ein ziemlich großer Raum; die Waschschränke unserer Kinder stehen mit darin. In unserer Küche, die einen Backsteinherd hat und einen besonders gemauerten Bratofen (der von Senking mitgebrachte Herd ist noch nicht aufgestellt), habe ich einen meiner Kupferkessel einmauern lassen, was mir sehr angenehm ist.



contrar 20 no mesmo lugar. Elas estão instaladas nas armações de madeira e debaixo do assoalho. Só com muito cuidado podemos evitar que se instalem nos armários e cômodas. Também dizem que comem tecidos, o que ainda não é nosso caso. Se forem tomados os devidos cuidados, numa casa nova não haverá problemas. Também aqui no Brasil ventilação, luz e higiene são os três fatores que põem os insetos em fuga. Mas enfim, nós os temos aqui. Acreditas que acabamos nos acostumando e já não são tão terríveis como no início?

Mas deixemos isto de lado e vamos continuar caminhando pela casa. Ao lado da sala de visita se encontra uma pequena sala de jantar, pintada com tinta a óleo esverdeada. Ali está a nossa mesa de refeições, um buffet bem trabalhado, minha escrivaninha e cômoda (também tua velha conhecida), uma mesa de costura e a pequena escrivaninha de Emilie. Dalí uma porta leva direto ao jardim. Da sala de estar se sai para a varanda. Atrás destes dois cômodos estão nosso quarto de dormir, meu armário e quartinho de costura. No outro lado, um pequeno quarto com duas camas e nossa sala de aula. Do corredor, uma pequena e apertada escada nos leva ao sótão onde em três quartos dormem meus filhos e as empregadas.

Em toda casa não encontras uma cadeira de vime. Aqui ainda não há artesãos especializados. Parece que colônia adentro alguns italianos entendem do assunto. As cadeiras neste estilo, que se encontram aqui, vieram da Alemanha e são os chamados móveis vienenses. Temos que tomar muito cuidado com os quadros e principalmente com as fotografias, pois desbotam com facilidade. Mandamos vedar todos os espelhos. O tapeceiro entendia do assunto e se não o tivéssemos feito, em pouco tempo a camada de mercúrio teria sofrido com o clima quente e úmido.

Em frente à cozinha, seguindo pelo corredor, está o quarto dos empregados, um quarto grande e lá estão os lavatórios das crianças. Em nossa cozinha temos um fogão em alvenaria e separadamente um forno de tijolos (pois o fogão que Senking trouxe ainda não foi instalado). Mandei embutir um dos tachos de cobre, o que é muito prático. Mando enchê-lo diariamente. O poço se encontra no pasto no outro lado da estrada. É por demais trabalhoso buscar a água no Itajaí que fica perto, às



Ich lasse ihn täglich voll Wasser tragen; der Brunnen ist auf dem Past, der Straße gegenüber. Das Wasser aus dem nahen Itajaí zu holen, ist zu beschwerlich; das Ufer ist sehr hoch und steil. Was Dir in unserer Küche einzig auffallen könnte, wäre das Fehlen alles irdenen Geschirrs. Verzinnte Blechgefäße, von drüben importiert, ersetzen die Stellen des uns als unentbehrlich scheinenden Hausrats. Ein einziger Mensch, am Rio Texto, versteht sich auf Töpferei. Er holt sich den Ton dazu aus Gustavs Velha. Mein Mann hat es ihm unter der Bedingung erlaubt, daß er mir dafür ein paar Töpfe und Näpfe lieferte. So habe ich doch soviel, um etwas Gurken einlegen zu können und ein Geschirr, in dem ich unseren beliebten Reis-Pudding anrühren kann. Alles Übrige, was ich mir sonst einkoche, wie bittere Orangenschaalen - ein köstliches Eingemachtes - Zitronat und Ananas, Marmeladen der verschiedensten Art - bewahre ich in Blechbüchsen.

Blechbüchsen spielen hier eine große Rolle. In Blechbüchsen, sogenannten "Latten", wird Petroleum eingeführt; in Blechbüchsen wird Butter, Schmalz, Schweinefleisch und dergl. ausgeführt. Es gibt am Stadtplatz eine ordentliche kleine Fabrik für Blechbüchsen.

Nun bin ich schon wieder am Stadtplatze und Du solltest doch in unserm Hause bleiben. - In unserm Hause bist Du eigentlich auch fertig mit umsehen. Du müßtest denn noch einmal oben auf den Boden in unsere kleinen Dachkammerchen gucken wollen, die ich als Vorratsräume und dergl. benutze. Sorgfältig in Laken verwahrt, liegen dort unsere überflüssigen Betten, die sich bei öfterer Lüftung sehr gut halten.

Neben diesem eigentlichen Wohnhause liegt seitwärts noch ein kleines Gebäude, das wir für meines Mannes Stube und zu einer Kammer mit besonderem Eingange für den Diener resp. Monatslöhner eingerichtet haben. Hier steht meines Mannes alter Schreibtisch, Schränke, einige Stühle, ein Tisch, das ist alles.

Denke Dir zu diesen Gebäuden nach dem sogenannten Hofe zu noch einige halboffene Schuppen - einer unser sogenanntes Waschhaus, wo auch unser Plättofen steht und wir plätten; einer unsere Rollkammer - denk Dir, die Dächer dieser Schuppen als Mais - und schwarze Bohnen-Böden benutzt, so hast Du ein Bild unseres Reiches. Hier hausen wir. Und wie? Wir sind sehr fleißig nach hiesigen Begriffen. Von Gustav will ich Dir nur sagen, daß er sich neulich dermaßen überarbeitet hat und so krank zu Bett lag, daß ich den Arzt rufen lassen mußte. Der verordnete nichts als Ruhe. - Uns Frauen gibt die Wirtschaft und die Näherei vollauf zu tun. Des Morgens unterrichtet Emilie die drei noch schulpflichtigen Kinder. Seit einiger Zeit nehmen drei andere junge



margens são muito altas e íngremes. O que chamaria tua atenção em nossa cozinha seria a falta da louça de cerâmica, para nós indispensável. Esta louça substituímos por vasilhames estanhados da Alemanha. Uma única pessoa em Rio do Teste é ceramista. Ele busca a argila na “Velha”, nas terras de Gustav. Meu marido consentiu sob a condição de nos fornecer alguns potes e vasilhas. Assim eu tenho o suficiente para os pepinos em conserva e para preparar nosso apreciado pudim de arroz. Todas outras coisas que preparo em conserva, como casca de laranja amarga, algo delicioso, guardo em latas de folha de flandres.

Estas latas são muito importantes. Servem para a importação de petróleo e exportação de manteiga, banha, carne de porco e outras coisas mais. Existe uma bem aparelhada funilaria na cidade.

Agora já estou novamente no Stadtplatz e tu deverias estar em nossa casa. Lá já viste praticamente tudo, mas vamos dar mais uma olhada no sótão, nas águas-furtadas as quais transformei em dispensa. Lá estão os cobertores de reserva, envoltos em lençóis que são arejados frequentemente e assim se mantêm bem.

Um pouco mais afastado da casa há uma construção menor que preparamos para meu marido. Tem um escritório e um quarto com entrada separada para os empregados e mensalistas. Ali está sua velha escrivaninha, armários, algumas cadeiras, uma mesa e nada mais.

Imagine a estas construções mais um galpão meio aberto e nossa lavanderia onde também passamos a roupa. Guardamos o feijão e o milho debaixo deste telhado. Assim tens uma descrição do nosso lar. Como vivemos? Para os padrões locais somos muito esforçados. Precisei chamar o médico para ver o Gustav, mas ele só recomendou repouso.

Nós, mulheres, estamos ocupadas com a administração da casa e com a costura. Na parte da manhã Emilie leciona para as crianças em idade escolar e há algum tempo três moças tomam parte das aulas. É uma escola bem organizada e divertida. Minhas filhas maiores estão aprendendo a cozinhar, e como lavamos roupa semanalmente e não é pouca que usamos, todas as manhãs estão ocupadas. Mas ainda encontro tempo para me exercitar na costura. Isto me é muito necessário e lamento que não o tenha aprendido antes. Incentivo-me dizendo: “o que outros sabem também posso aprender”. E corajosamente vou cortando o pano. Aqui



Mädchen von hier am Unterricht teil. So ist es eine ordentliche kleine, sehr vernünftige Schule. Meine beiden Großen treiben Kochstudien, und da wir wöchentlich waschen und waschen müssen und nicht wenig Wäsche verbrauchen, so sind alle Morgen für uns drei völlig besetzt. Ich finde eben noch Zeit, mich im Schneidern zu üben. Das habe ich recht nötig und bedaure immer wieder, daß ich es nicht gelernt habe. Mir hilft, daß ich mir immer wieder vorsage: was Andere können, mußst du auch lernen! - So schneide ich mutig ins Zeug. Es giebt hier Schneiderinnen, gewiß, ich glaube auch ganz geschickte, aber die kommen gleich auf Tage zu den Kunden ins Haus. Ich kann niemand beherbergen. So tue ich's lieber selbst; spare doch auch ein bisschen damit. Ich muß die Waschkleider der Kinder umarbeiten, einige neue anfertigen, ein paar Morgenröcke machen - denke doch, daß die Kinder mit meinen Heldentaten ganz zufrieden sind. Nachmittags bis zum Kaffe faulenzten wir. Dann treiben die Großen mit Emilie Sprachen oder Literatur; die Kleinen machen Schularbeiten oder spielen Klavier; sie reiten öfter spazieren, machen wohl einen oder den anderen Besuch - so kommt der Abend. Daß eine Mutter von sechs Kindern ihre Hände niemals müßig zu halten braucht, kannst Du wohl denken. Ich finde aber doch Zeit, ab und an mit Gustav auszureiten. Öfters auch hole ich ihn aus der Velha Abends heim. Das sind für mich die schönsten Stunden! Wenn wir beide da so zusammen hertrodeln durch den Wald, der sich mehr und mehr lichtet, und jedesmal, wenn ich ihn wiedersehe, ein anderes Gesicht bekommen hat, das ist wohl hübsch! Abends nach dem Essen sind wir denn Alle zusammen, erzählend, plaudernd oder vorlesend.....

há costureiras e com certeza competentes, mas estas vêm trabalhar por dias morando na casa. Mas não tenho condições de acomodar ninguém. Assim eu mesma costuro e ajudo a economizar um pouco. Preciso reformar os vestidos caseiros das crianças, costurar alguns novos, fazer alguns chambres e penso que elas estão satisfeitas com meu trabalho. À tarde descansamos até a hora do café. Depois as crianças maiores praticam línguas estrangeiras e literatura com Emilie, as pequenas fazem suas lições ou tocam piano, às vezes passeiam a cavalo ou fazem uma visita, e assim chega a noite. Podes imaginar que uma mãe de 6 filhos nunca descansa. De vez em quando Gustav e eu temos tempo para sair a cavalo. À tardinha, às vezes o busco na Velha, e estas são minhas horas preferidas. Cavalgamos juntos pela floresta que gradativamente vai clareando e cada vez se apresenta de maneira diferente. Isto é bonito de se ver. À noite, após a ceia, estamos todos reunidos, cantando, conversando ou lendo...





### CARTA No. 02

**Navio Johannes, no Rio Elba entre Glückstadt e Cuxhaven, 6 / abril / 1846**

Meus queridos pais!

Enquanto vocês se preocupavam comigo, devido às violentas tempestades, nós estávamos tranquilos, porém aborrecidos, pois estamos aguardando tempo bom desde o dia 1º do mês no Elba e Glückstadt. Sempre tivemos vento oeste, sudoeste e noroeste, com os quais não podíamos sair do Rio Elba. Durante as tempestades estávamos seguros, mas era penoso e desagradável esperar cada dia por vento favorável. Hoje de manhã tivemos o vento sudeste e partimos novamente, se o mesmo permanecer chegaremos ao mar. Se tivermos outra vez o sudoeste teremos que ancorar em Cuxhaven, e que Deus não o permita. Já sentimos também algum enjôo, especialmente meu companheiro de viagem, um jovem educado, contratado como correspondente para uma casa de comércio alemã no Rio Grande do Sul. Se entrarmos no mar, talvez melhore ou então piore, porém espero passar relativamente bem.

Nós já nos acostumamos à vida no navio nos seis dias em que estivemos ancorados em Glückstadt. Agora com o tempo frio não é nada agradável. Sentimos bastante frio, mas passei bem. A alimentação a bordo também não nos faz muito bem, principalmente porque o cozinheiro não é nenhum mestre em seu ofício. A carne salgada e defumada é dura e não tão boa quanto a de casa em Hasselfelde e as cevadas enormes, as quais ainda estão metade na casca, e o pão grosso não favorecem nosso apetite, mas aos poucos vamos nos acostumando e achando suportável. O que mais sinto falta é do leite, chá e café.

Nosso brigue é bastante pequeno, pesa cerca de 200 toneladas, mas veleja muito bem, especialmente com vento forte, e se comporta bem em tempestades. Hoje de manhã já ultrapassamos três navios que partiram antes de nós, o que é bom sinal. Deus vai continuar nos ajudando agora!

O Rio Elba apresenta-se magnífico hoje, apesar do céu nublado - ele está coberto de navios, que esperam, como nós, por bons ventos para ir ao mar. Em um desses navios encontram-se imigrantes alemães com destino a Montevideú.

Fiquei muito satisfeito com minha estadia em Hamburgo. Recebi muitas recomendações e conselhos. Como já escrevi, o senhor Gültzow, foi gentil e me levou a muitos lugares. Caso vocês venham a Hamburgo este verão, o que muito desejo, visitem-no para que possa levá-los à bolsa de valores, cujo



movimento é bem interessante. Ele certamente será prestativo para outras coisas também, mas é preciso saber lidar com os hamburgueses, eles são muito diretos, não fazem muitos elogios e também não esperam ser elogiados. Se o senhor Gültzow visitar o Harz, o que ele tem vontade de fazer no outono, e lhes fizer uma visita, recebam-no bem, ele pode ser de muita utilidade, tanto lá como em Hamburgo, pois tem uma casa comercial na Bahia e me deu cartas de recomendações a seu irmão. Caso ele visite vocês, ele quer visitar somente Rübeland e depois seguir viagem. Você pode então, meu pai, dar-lhe uma carta para Dasser em Rübeland, para que ele possa ver a fábrica e o moinho de mármore. Se puder, faça-o - eu tenho muita amizade pelo senhor Gültzow. Ele e também sua esposa foram muito gentis para comigo.

Certamente ele ficará agradecido e mais tarde reverterá em meu benefício, porque se interessou muito por mim e meu projeto e quer em especial falar a meu favor em Hamburgo. Como está diretamente interessado, vai cumprir também o que prometeu.

Com minha roupa de cama não fui muito feliz e terei provavelmente que comprar um lençol no Brasil. Mas em outras coisas estou bem provido. Para as primeiras visitas terei que comprar um ou dois pares de meia de seda. Recomendaram-me andar bem vestido, de sapatos e meias.

Em geral tenho grandes esperanças no Brasil, e só espero que meus olhos continuem bons. Caso a colonização emplacar, estarei garantido, mesmo que no primeiro ano não corra tudo tão bem. Sturz trabalhará também neste sentido e eu espero, na minha chegada ao Rio de Janeiro, receber procurações, instruções e dinheiro dele. Deus permita bom andamento ao projeto e me conserve a visão - do resto não tenho medo.

Seu Hermann Blumenau

### **Carta No. 03**

**Rio Grande do Sul, 26 de junho 1846.**

Meu queridos e estimados pais!

Recebi agora a notícia de que o navio, que partiria depois de amanhã, partirá hoje e que as cartas até às 3 horas terão que estar a bordo. Já são duas



horas e só posso comunicar a vocês que cheguei bem, no dia vinte do corrente mês. Uma carta mais longa, que está quase terminada, enviarei no próximo domingo, quando partirá novamente um navio com destino a Hamburgo. As duas cartas anexas, escrevi, metade a bordo e metade nos primeiros dias após minha chegada. Contém pouca coisa, assunto químico e a Julius alguns pedidos, que são muito importantes para mim. Peço, portanto, para levar as duas cartas logo ao correio.

Meu projeto parece andar bem, de qualquer modo, seja de uma forma ou de outra, encontrarei aqui uma boa colocação. O principal é que permaneça com saúde, porque aqui há um enorme campo para a química prática e técnica. Por exemplo, as entranhas dos bois e vacas são jogados fora juntamente com os miúdos, ossos, patas etc., custam quase nada, ao contrário da Europa, onde paga-se muito caro por isso. Um boi custa talvez 5, um cavalo o mesmo, melhores 10-20 dólares. Laranjas, bem mais doces e saborosas do que na Alemanha, custam 100 unidades cerca 13 Pfennig, no sítio, 20 - 30 horas de distância daqui, custam somente a terça parte.

Dentro de oito dias irei por recomendação do presidente daqui diretamente para o Rio de Janeiro e não como pretendia, para o interior da Província. Faço, porém, um passeio de três dias para ver pelo menos alguma coisa. O presidente para o qual me levou o cônsul da Prússia foi muito gentil, prometeu seu apoio e pediu-me que voltasse amanhã, quando dará mais detalhes e recomendações ao governo no Rio de Janeiro. Enfim, apesar de ainda não ter voltado a mim mesmo, estou muito satisfeito com os resultados até aqui. A recepção por parte dos alemães também foi gentil, moro aqui numa péssima hospedaria e preciso diariamente de cerca de 1 moeda de prata - 16 Thaler. Com exceção do almoço, que até agora sempre o fiz na casa do Cônsul da Prússia. Acredito, portanto, que poderei ir longe com meu dinheiro.

... (dá curtas impressões sobre clima e tempo)...

A cidade se desenvolveu muito desde a Guerra de Montevideu, pois todo o comércio convergiu para cá ...

Seu leal e obediente filho

Hermann Blumenau



**- As Velhas  
Páscoas**

**- O Maravilho-  
so Cinema  
Caseiro**

Texto:

*URDA ALICE  
KLUGER\**



**As Velhas Páscoas**

Fico entristecida quando vejo o que a sociedade de consumo fez com a Páscoa: para a maioria das pessoas, hoje, Páscoa significa ir nas Lojas Americanas disputar ovos de chocolate anunciados como os mais baratos do Brasil, muitas vezes levando junto as crianças para que elas próprias escolham sua marca preferida. A magia e o encanto da Páscoa se dissiparam paulatinamente com o avanço do progresso, e eu tenho uma saudade imensa daquelas maravilhosas Páscoas da minha infância, tanta saudade que vou contar como eram.

Na verdade, a Páscoa começava muitos meses antes, quando, em cada casa, as mães quebravam cuidadosamente só a pontinha de cada ovo usado, para guardar as casquinhas vazias. Elas eram lavadas, secas e armazenadas, e só de olhá-las já se criava uma expectativa a respeito da Páscoa.

Ainda antes da Semana Santa já se começava a preparar a Páscoa. Cada casquinha era decorada, e as formas eram muitas. Podia-se pintá-las com tinta a óleo ou outras tintas muitas. Podia-se decorá-las com tiras e tiras de papel de seda ou crepom picotado, que as deixavam com uma cara de gostosas! Essas eram as formas mais fáceis de decorar casquinhas - havia outras, é claro, mais sofisticadas, e resquícios delas ainda aparecem nas lojas especializadas nesta época do ano. Paralelamente à confecção das casquinhas, faziam-se as cestas, usando papelão e muito papel colorido pi-

---

\* Escritora e membro da Academia Catarinense de Letras.



cotado e encrespado, serviço para noites e noites à volta do rádio. Algumas crianças tinham a felicidade de possuir cestinhas de vime, que eram reaproveitadas a cada ano.

Era necessário, também, preparar o amendoim, que a gente comprava com casca, descascava, torrava, tirava as pelezinhas, para depois a mãe da gente confeitá-lo com calda de açúcar, ato que por si só já gerava uma grande magia, com a criançada toda em torno do fogão prendendo a respiração para ver se a calda “dava ponto”. Depois era hora de encher as casquinhas, e fechá-las com estrelinhas de papel coladas com cola de trigo. De noite, misteriosamente, tudo sumia: o Coelho levava as guloseimas e as cestinhas embora para sua toca.

Faziam-se, também, os ovos cozidos pascoais. Colavam-se folhinhas de avenca, de rosa, etc. (com clara de ovo) em ovos frescos, os quais eram amarrados dentro de trouxinhas de pano e depois cozidos em águas com plantas que lhes davam cor. Marcela, casca seca de cebola e capim melado produziam ovos de três tons de amarelo; a batata da cebolinha vermelha produzia ovos vermelhos. Depois do cozimento, tirava-se a trouxinha e as folhas, e obtinha-se belos ovos decorados para serem comidos no café da manhã de Páscoa.

Ah! A manhã de Páscoa! Na véspera, as crianças tinham feito seus ninhos, com palha ou capim, ninhos enfeitados com pétalas de flores e papel colorido picado, escondidos no jardim. O despertar na manhã de Páscoa era uma loucura: corria-se para fora de casa ainda de camisola, a procurar o que o Coelho deixara. No ninho sempre havia alguma coisa, mas havia coisas, também, escondidas em todos os cantos possíveis. Acontecia de a cesta da gente estar escondida dentro do galinheiro (todos tinham galinheiro, nessa época), e aí havia outra surpresa: as galinhas brancas estavam azuis, ou verdes, resultado de paciente trabalho dos pais, durante a noite, que lhes pintaram as penas com anilina. Nós não tínhamos vacas, mas nas casas onde haviam, as partes brancas do pelo delas também eram coloridas com anilina, e tudo aquilo criava um encanto muito grande nas nossas mentes infantis. Era um ser maravilhoso, esse Coelho!

Nas manhãs já frias de abril, voltávamos para casa com as cestas cheias de casquinhas e alguns espetaculares chocolates (chocolate,



na época em que eu cresci, só era comido no Natal e na Páscoa), que eram contados e divididos igualmente entre todas as crianças. Ia-se à Igreja, a seguir, à missa das nove, e o ar fino e já frio de abril estava totalmente impregnado de uma profunda magia, e a gente não via a hora de voltar para casa para começar a comer as guloseimas. Primos vinham brincar, nessas tardes de um tempo em que a Páscoa era tão maravilhosa, e a gente criava cenários fantásticos nos gramados verdes, onde os coelhinhos de chocolate e os ovos eram personagens.

Ah! Que pena que o espaço está acabando! Quanto, quanto ainda queria falar sobre as antigas Páscoas! Mas acho que já foi possível ter uma idéia de que elas eram muito diferentes da Páscoa que a sociedade de consumo criou: qual é a graça de levar as crianças às Lojas Americanas para escolher seu tipo de ovo preferido? Onde ficou a magia da espera e do Coelho?

### O Maravilhoso Cinema Caseiro

Eu sou uma tarada por televisão. Gosto tanto de televisão que me obrigo a ter horário para desligá-la e para ligá-la, caso contrário fico a olhar para ela indefinidamente, assistindo a toda a programação, e sempre querendo ver mais. Minha história com a televisão é antiga: vi-a pela primeira vez quando criança, no cinema!

Lembro-me bem daquele domingo à tarde, no saudoso Cine Garcia, quando passou um filme de Jerry Lewis, e no filme, Jerry Lewis contracenou durante alguns minutos com uma **televisão!** É claro que eu não sabia que o nome daquilo era televisão, mas o objeto deixou-me totalmente encantada, por representar um cineminha que se poderia ter em casa, e duma outra vez falarei da minha fascinação pelo cinema, a segunda paixão do começo da minha vida, depois dos livros, é claro.

Bem, eu havia visto uma televisão no cinema, e acreditara que se tratava de um cineminha particular, só que aquilo era uma coisa para os Estados Unidos, nunca chegaria ao interior conservador e atrasado de Blumenau - a fascinação estava longe, estava fora dos sonhos imaginá-la,



um dia, na nossa própria sala-de-estar. Mas minha imaginação muita fantasia teceu em torno da idéia nova.

E, de repente, antes que eu tivesse ousado sonhar, ela apareceu **de verdade** nas nossas vidas! Foi na minha adolescência, quando um primeiro vizinho resolveu comprar o primeiro aparelho de televisão da região. Aquilo estava muito além das nossas expectativas de progresso, e houve uma crítica geral na rua, o vizinho sendo chamado, por baixo dos panos, de exibido, enquanto acho que, todo o mundo morria de inveja por não comprar um também. As críticas ao vizinho cresceram, principalmente quando ele teve que abrir um aceiro até o morro próximo da sua casa, e lá em cima espetar uma antena espinha-de-peixe em imenso bambu, num trabalhão danado, que lhe rendeu uma tela cheia de pontos que tremiam, e, às vezes, formavam a semi-imagem de alguma coisa. Nossos adultos achavam que aquilo era uma bobagem, principalmente ao ver o pouco resultado de todo aquele aceiro e aquela antena, mas eu morria de vontade de ir na casa do vizinho dar uma espiada. Como o vizinho nunca abriu sua sala para os televisinhos que em breve se tornariam moda, tive que esperar mais um pouco para ver uma televisão de verdade.

Foi emocionante deparar-me frente a frente com o cineminha que um dia vira no cinema! Foi em 1966, e eu tinha 14 anos. Foi lá na Praia Grande de Armação, para onde tínhamos nos mudado, no apartamento de um vizinho. Posso reviver agora a emoção daquele dia, ao lembrá-lo! No morro daquela praia ficava a repetidora do Canal 6, de Curitiba, de modo que a imagem era uma beleza! E, na tela, de cara na primeira vez, uma grande mestra: Regina Duarte! Era uma novela da qual não lembro o nome, e devo tê-la assistido durante uns 15 minutos, mas aquilo mudava todas as minhas perspectivas de mundo e de vida. Com a televisão, o fantástico cinema podia, mesmo, entrar na nossa casa!

Naquele verão, eu e minha irmã Margaret fazíamos qualquer negócio para que meu pai e minha mãe nos deixassem, nos domingos à tarde, ir até a venda do seu Dóro, assistir ao absolutamente sensacional, maravilhoso e fantástico programa da Jovem Guarda! Mesmo agora, depois dos 40 anos, sei o quando aquilo foi maravilhoso e fantástico, o quanto fui privilegiada na vida!



O tempo passou, e as pessoas foram comprando televisões. Quem ainda não tinha, comprou para a Copa do Mundo de 1970, o grande momento de minha juventude, um dos mais maravilhosos da minha vida. E o maravilhoso cineminha que eu vira, um dia, num filme de Jerry Lewis, trouxe “na hora”, via satélite, para dentro das nossas casas, todos aqueles fantásticos gols de Jairzinho, sem contar os de Pelé e do resto da Seleção de Ouro, que ganhou a Copa e nos deixou, a nós, brasileiros, bêbados de alegria e de civismo por muito tempo. A emoção não teria sido a mesma sem a televisão.

Foram momentos marcantes da minha vida, e muitos outros teria para contar, mas o espaço está acabando. Devo repetir o que disse no começo: sou uma tarada por televisão. De tudo ela nos oferece: noticiários, filmes, novelas, reportagens, programas esportivos, sem contar que é um verdadeiro cinema, desde que nos demos ao trabalho de irmos até uma locadora buscarmos algumas fitas. Como não ser-se tarada por um objeto tão maravilhoso, que coloca o mundo e a imaginação à solta, dentro da nossa casa, com a mesma magia que era, antes, ir-se ao cinema? Como seria possível, hoje, vivermos sem o nosso cineminha doméstico?



**V**ocê Sabia que a primeira sessão cinematográfica de Blumenau realizou-se no Teatro Frohsinn a 9 de agosto de 1900 e levou os assistentes ao delírio. Era o cinema chegando a Blumenau com toda a sua magia e encantamento, capaz de fazer com que as figuras se movam na tela para espanto do público. A crônica registra que despertou grande admiração “a naturalidade do respingar da água numa cena em que alguns cavalos nadavam no rio”.



### **Comércio Antigo em Blumenau**

Texto:

*ALFRED LUIZ  
BAUMGARTEN\**



Na década dos anos vinte as principais lojas de tecidos e armarinhos de Blumenau eram a Casa Peiter, Arthur F. Hoeschl (depois Casa Willy Sievert) e a Casa Domingos Borba. A mais bem sortida e de melhores preços era a Casa Peiter, onde comecei como aprendiz, e mais tarde balconista e montador de máquinas de costura da marca "Gritzner", importadas diretamente da Alemanha. A loja era ligada por uma porta interna à loja de João Kersanach, especializada em artigos masculinos.

Era na Casa Peiter onde as costureiras e os alfaiates compravam seus aviamentos. Era frequente algum profissional aparecer com um pedaço de pano à procura de botões, linhas, forro e fitas que combinassem na cor. Porém os grandes fregueses eram os colonos do interior do município, que em geral vinham uma vez por ano à cidade para fazer suas compras. Compravam peças inteiras de brim riscado para calças, mescla para camisas de trabalho, algodão cru e morins. Se estavam programados casamentos, batizados ou primeira comunhão (confirmação), eram adquiridas as roupas apropriadas. E claro que essa freguesia era disputada pelas outras lojas, porém a Casa Peiter era a preferida.

Os colonos vinham em suas carroças que eram deixadas na Casa São José, onde também faziam as refeições e muitas vezes pernoitavam. O ambiente lembrava cenas do velho oeste americano, mostradas em filmes bang-bang. À esquerda da Casa São José ficava o prédio antigo da Casa Moellmann. À direita, a livraria do Sr. Carl Wahle.

\* Colaborador da Revista "Blumenau em Cadernos".

Mais adiante existiam duas casas geminadas onde moravam as famílias dos Professores Weinert e Max Kreibich, ambos do Colégio Santo Antônio. Kreibich era craque de futebol, na posição de beque (zagueiro). Jogava nos times "Tamandaré" dos Padres Franciscanos, dirigido por Frei Joaquim, e no "Esporte Clube Brasil". Nos mesmos dois times jogavam ainda os irmãos Sada. Emílio, companheiro de Max, na zaga, André no ataque, e Mário na ponta esquerda. Num jogo contra o rival "Blumenauense", André disparou um chute tão forte que o goleiro Bonnemassol defendeu, caindo desmaiado. Em consequência teve que ser operado para retirada do baço. No colégio, Frei Joaquim jogava futebol com os alunos. Arregaçava a batina, amarrava com o cordão do cinto, e ... lá vai bola.

Voltando aos negócios. Com o crescente aumento da concorrência, que chegou a interceptar os colonos na entrada da cidade, a Casa Peiter tomou uma iniciativa genial: contratou um viajante conhecedor de toda a colônia, que munido de um mostruário completo fazia a venda diretamente aos colonos. Posteriormente as encomendas eram enviadas, e eu, em companhia do viajante, no carro da firma, fazia a entrega e as cobranças. Essas viagens em geral demoravam mais que um dia. Nessas ocasiões pernoitávamos em casa de um colono, onde sempre fomos bem recebidos e servidos com pão de milho, manteiga, queijo, lingüiça, presunto, tudo feito em casa.

Um caso marcante aconteceu um dia na loja. Depois do expediente, a casa tinha que ser posta em ordem. No balcão, montanhas de peças de tecidos, muitas desenroladas, tinham que ser enroladas e recolocadas em seu devido lugar nas prateleiras. No meio dessa desordem foi encontrada uma carteira recheada de dinheiro. Nisso bateram fortemente na porta. Era o dono da carteira. Estava muito nervoso e nem agradeceu a entrega da carteira. Mais uma vez ficou constatada a razão do ditado alemão: "Undank ist des Menschen Lohn" (Ingratidão é o pagamento dos homens).



## **História & Historiografia**

**Pomerode:  
a criação  
de uma  
cidade  
turística  
através da  
reinvenção  
de suas  
tradições\***

Texto:

*ROSELI ZIMMER\*\**



Nos últimos anos temos visto o surgimento de muitas festas municipais em Santa Catarina. Estas manifestações têm proporcionado verdadeiros espetáculos, cujos destaques ficam por conta do processo de criação e recriação da história, da cultura e das tradições que os habitantes de cada município fazem para esta ocasião. A cada edição festiva, dá-se o envolvimento dos diversos segmentos sociais na festa, bem como percebe-se a parceria entre o poder público e privado trabalhando em conjunto para levar a efeito a festa do município. Mas estas festas não são realizadas exclusivamente para a população local. São feitas para atrair o turismo ao estado, e já constatou-se nos últimos tempos a importância deste setor na economia catarinense.

O sucesso destas festas advém do fato do Estado de Santa Catarina ter sido povoado e colonizado por diferentes grupos de imigrantes ao longo de sua história. O fator da diversidade geográfica, associado ao fator cultural dos grupos étnicos que povoaram as mais diferentes paisagens catarinenses, tem contribuído para transfor-

---

\* O texto baseia-se na tese de mestrado defendida em outubro de 1997 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, intitulada: *"Pomerode, a cidade mais alemã do Brasil"*. As manifestações de germanidade em uma festa teuto-brasileira. Agradeço pelo apoio e incentivo recebidos dos professores da Pós-Graduação em História da UFSC, em especial de Valberto Dirksen, Maria Bernardete Ramos Flores, João Klug e Henrique Pereira Oliveira, bem como dos professores do curso de História da FURB: Sueli M. V. Petry, Luiz Vendelino Colombi e Antônio Carlos Güntler.

\*\* Mestre em História do Brasil, pela Universidade Federal de Santa Catarina.



mar estas regiões em potencialidades turísticas. E como potencialidades turísticas, cada uma destas regiões tem criado sua identidade cultural para vender a sua imagem aos outros, neste caso, aos turistas.

E a história também tem-se preocupado em ampliar suas abordagens para toda atividade e manifestação humana, pois "*Tudo tem uma história*"<sup>1</sup>, até mesmo as festas. Neste sentido, percebemos que a historiografia nacional<sup>2</sup> está mostrando a diversidade étnica e cultural do Brasil e ao mesmo tempo, o estudo das festas municipais tem encontrado espaço na historiografia catarinense, preocupado em historicizar estes acontecimentos recentes. Muitos pesquisadores têm-se debruçado sobre o assunto, e já contamos com significativa produção, como é o exemplo do livro "*Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*" de Maria Bernardete Ramos Flores. Porém, há muito a pesquisar sobre o tema. É neste sentido que o artigo aqui apresentado está centrado: abordar a Festa Pomerana, ou seja, a festa municipal de Pomerode<sup>3</sup>, município do Vale do Itajaí, cuja festa não é comemorada em outubro, mas sim em janeiro, durante a temporada de verão.

A criação da Festa Pomerana está inserida no desenvolvimento da política estadual de incentivo ao turismo, iniciada em 1983, denominada de Plano de Desenvolvimento Turístico do Estado de Santa Catarina. Desde então, o investimento turístico iniciado no município tem-se mostrado como uma atividade rentável, capaz de gerar empregos, divisas e desenvolvimento regional. Como atividade econômica, a festa

---

<sup>1</sup> BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 11.

<sup>2</sup> Como por exemplo o livro de DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

<sup>3</sup> O município de Pomerode está situado no Vale do Itajaí, nordeste de Santa Catarina, a 33 km de Blumenau, maior cidade da região. Florianópolis, capital do Estado, fica a 175 km de Pomerode. É uma cidade de colonização alemã, cujos primeiros habitantes chegaram às margens do Rio do Testo em 1861, procedentes de diversos Estados Alemães, porém a maioria deles vieram da região da Pomerânia. Pomerânia: antiga província prussiana situada no norte da Alemanha às margens do Mar Báltico. No passado foi ocupada por povos eslavos e germânicos e após a Segunda Guerra Mundial foi dividida no Estado Alemão de Mecklemburgo (ao oeste do rio Oder) e em território polonês (ao leste do rio Oder).



municipal tem consolidado os investimentos de pequenos e médios empresários, tanto no setor secundário como no setor de serviços, além de ter incentivado o desenvolvimento do trabalho informal, através da produção artesanal de vários produtos típicos da cultura alemã. Assim, observamos que o turismo, uma atividade do setor terciário, dinamizou a economia do município, colocando para o mercado consumidor a produção dos setores primário, secundário e de serviços de Pomerode. Neste sentido, o turismo serviu de elo entre o mercado de produção e o mercado consumidor, e reside aí a importância deste setor, tanto na economia regional quanto na economia nacional e mundial.

Além do evento ter-se transformado em um investimento econômico para os setores produtivos, a festa municipal também deve ser analisada como um processo de criação cultural e reinvenção de tradições. A sua autoria é assumida por um grupo de pessoas que está reunido desde sua primeira edição em uma Comissão Organizadora. Esta comissão aproveitou-se do fato de Pomerode estar situada em uma região de colonização alemã, conhecida como “*Vale Europeu*”, e organizou a festa com toques da cultura alemã herdada dos antepassados pomeranos para garantir a presença dos pomerodenses na festa, bem como a visita de turistas que queriam conhecer estas tradições.

O ambiente festivo foi deliberadamente composto pelos organizadores com elementos culturais como o folclore, gastronomia e música alemã, e o sucesso do evento transformou a festa em tradição no calendário municipal, permitindo sua inclusão no roteiro turístico de verão. A proposta da festa municipal é de promover um retorno às origens, e por isso ela foi construída a partir de vários elementos retirados de várias práticas culturais e apresentada de uma nova maneira ao público espectador. Assim, o evento foi estruturado com atrações escolhidas entre as tradições, usos e costumes para refletir a cultura e germanidade pomerodenses. Para compreender o processo desta nova tradição baseamo-nos na obra “*A invenção das tradições*” de Eric Hobsbawn:

*“Em pouca palavras, elas são reações a situações novas que assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obri-*



*gatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a 'invenção das tradições' um assunto tão interessante para os estudiosos da história contemporânea."*<sup>4</sup>

A festa municipal resultou então de um processo de criação e também de invenção cultural sobre o modo de vida pomerodense. Quando descrevemos sobre o modo de vida de um povo devemos levar em consideração sua cultura. Neste sentido, queremos lembrar que a definição de cultura é imprecisa, segundo Peter Burke, em sua obra "*A cultura popular na Idade Moderna*"<sup>5</sup>. Porém, por não ter contornos definidos, ela (a cultura) está em constante processo de construção e reconstrução, de invenção e reinvenção<sup>6</sup>. Neste contexto de criação são combinadas várias épocas da história, vários elementos culturais, vários imaginários, representações e imagens do passado que são presentificadas no ambiente da festa. Nesta composição há espaços para o genuíno, o autêntico, e também para o inventado. Esta foi a maneira encontrada pela Comissão Organizadora em trazer o passado para o presente e dispor todas estas atrações em espetáculo que representa a cultura e o lazer pomerodenses e ao mesmo tempo expõe esta cultura como mercadoria, consumida pelos participantes que se transformam, em maior ou menor grau, em personagens vivos da história local.

A Festa Pomerana é assim apresentada e vivenciada como uma tradição e, ao mesmo tempo, é uma criação e uma invenção, pois fundamenta-se sobre as tradições pomerodenses. Em seu repertório de atrações são apresentadas tradições criadas no tempo da colonização, como as sociedades de caça e tiro com suas competições e desfiles. O trabalho de desbravamento das matas é rememorado nas competições do lenhador e serrador e um antigo meio de transporte é lembrado através

<sup>4</sup> HOBBSAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: \_\_\_\_\_ e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 10.

<sup>5</sup> BURKE, Peter. *A cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1989. p. 25.

<sup>6</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997. p. 13.



dos passeios de carros de mola. Algumas tradições em desuso foram reanimadas como os grupos folclóricos e suas danças, as músicas e os pratos típicos. Outras tradições foram criadas a partir do contexto da festa, como os trajes típicos, a competição de fisgar o pescador e o uso acentuado das cores azul e branco, como um elo de ligação com a Pomerânia.

Durante a apresentação deste conjunto de tradições em atrações na festa, as noções de tempo, história e memória são manipuladas conforme a disposição e o interesse da Comissão. Por sinal, a Comissão é integrada por indivíduos que ocupam cargos de direção e poder no município e, em geral, participam do mesmo nível social e cultural. A direção dos trabalhos desta Comissão estão orientados para envolver a comunidade na preparação e participação do evento, desde a família até a sociedade de caça e tiro.

Outro elemento importante a ser lembrado para este momento é a frase "*Pomerode, a cidade mais alemã do Brasil*", criada como a imagem que reflete a identidade cultural do município. Esta identidade foi construída para fins turísticos e estabeleceu-se como uma idéia-força mantida pelos governos municipais desde 1983 até os dias atuais. Em vista desta frase, houve um grande investimento na recuperação do patrimônio arquitetônico enxaimel, na urbanização e embelezamento de praças e ruas, bem como na realização de concursos para eleger o jardim mais bonito do município. Houve também o revigoramento cultural como estímulo para a preservação da cultura alemã em geral: idioma, dialeto pomerano, música, gastronomia, folclore, disposição ao trabalho etc. Estas especificidades são tomadas como qualidades positivas e fazem parte dos discursos de abertura da festa municipal, bem como dos prospectos de propaganda de divulgação do evento e do município.

A Festa Pomerana funcionou tanto como um meio como também um fim para o desenvolvimento do trabalho de valorização das tradições existentes e incentivo à retomada de certas práticas culturais em desuso. Mas este revigoramento cultural, estimulado pelo Governo Municipal e também pela Comissão Organizadora, não visou somente a festa municipal. Esta recuperação cultural assume outro aspecto, quando lembramos que vivemos em uma sociedade contemporânea onde as fronteiras dos países estão se dissolvendo pela economia globalizada, pela rápi-



da troca de informação entre diferentes grupos de pessoas, e a cultura, cada vez mais homogeneizada, reflete o atual mundo globalizado através dos hábitos, atitudes e estilos de vida mundializados<sup>7</sup>.

Estamos assistindo, no final deste século, a uma crescente integração global através da economia e da informação, mas também a um crescente movimento de afirmação das diferenças, das diversidades culturais. Neste mundo globalizado abrem-se espaços para as singularidades culturais, em contraposição à homogeneização da cultura<sup>8</sup>. O revigoramento cultural pomerodense pode ser visto então como um modo de sobrevivência cultural, mas também como um modo de estar integrado ao mundo atual.

Quando a Comissão Organizadora preparou o evento da festa, seguiu as orientações dos planos estaduais de incentivo ao turismo<sup>9</sup>, que estavam convergindo para atender a dois movimentos mundiais em ação: o turismo em massa e das afirmações das diversidades culturais. Dentro deste contexto foi construída a Festa Pomerana, e seguindo a lógica do mercado, a festa foi criada como sendo um atrativo cultural capaz de atrair o turismo. Em outras palavras, criou-se um novo mercado onde a principal matéria-prima em exposição e à venda é a cultura teuto-brasileira pomerodense, e esta é consumida tanto pelos habitantes como pelos turistas. Desta forma, percebemos a combinação de duas ações mundiais reunidas em um só propósito.

O estabelecimento da Festa Pomerana no roteiro turístico do verão catarinense tem contribuído para a interiorização do turismo no estado, cumprindo assim uma das metas dos planos turísticos dos governos estaduais. Para Pomerode, a festa é um evento de conotação turística, econômica e de revivência cultural, mas também é um reflexo das mudanças sociais e econômicas que o município está experimentando nestes

---

<sup>7</sup> OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: A diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 135.

<sup>8</sup> GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 2. ed.. Petrópolis: Vozes, 1986. p.15-24.

<sup>9</sup> Destacamos os planos: Plano de Desenvolvimento Turístico do Estado de Santa Catarina (1983-1986), Plano Santa & Bela Catarina (1987-1990), Plano de Turismo Quatro Estações (1991-1994).



últimos anos. Por meio da festa municipal foi observado o crescimento econômico e o revigoramento da cultura alemã no sentido de afirmar Pomerode como um município autônomo no Vale do Itajaí. Com sua tradição industrial, o município apresenta muitas paisagens rurais integradas ao espaço urbano, e as expressões culturais de seu povo vão se alterando em conformidade com o ritmo do desenvolvimento do mundo contemporâneo, que está em pleno processo de globalização. Neste processo, a economia e a cultura operam simultaneamente nas transformações históricas e convivem em uma riqueza de pluralidades que constituem os hábitos de vida de uma sociedade.



**Festa Pomerana - 1986**

**Pesquisas  
&  
Pesquisadores**

**Hercílio Luz  
e a Reforma  
do Palácio  
do Governo  
(1894-1898)\***

Texto:

*FABIO ADRIANO  
HERING\*\**



“Soffrendo ainda as conseqüências da revolta, que constituiu nesta capital a sede de seu governo, o Estado de Santa Catharina confia commigo que, na ampla esphera das vossas attribuições constitucionaes, encontrareis recursos sufficientes para o seu reerguimento moral e material.”<sup>1</sup>

Com estas palavras, Hercílio Pedro da Luz, eleito governador do Estado de Santa Catarina a 8 de setembro de 1894, “pelo suffragio directo do povo catarinense”<sup>2</sup>, se dirigiu ao Congresso Representativo do Estado, em 27 de julho de 1895. Referia-se ele às feridas da revolução de 1893, que havia transformado significativamente o mapa político e social catarinense.

Hercílio Luz havia sido um dos principais atores deste processo revolucionário. Constituiu-se assim como uma liderança no desenrolar daquele processo, no seio do Partido Republicano Catarinense. E foi, desta maneira, indicado por aquele partido como candidato a Governador para as eleições de

---

\* Este ensaio só teve condições de ser realizado graças ao apoio institucional do Museu Cruz e Sousa/Museu Histórico de Santa Catarina e da Fundação Catarinense de Cultura. Gostaríamos de agradecer, também, à orientação do Prof. Dr. João Klug e à colaboração da colega Anelore Siewert.

\*\* Acadêmico do curso de graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>1</sup> LUZ, Hercílio Pedro da. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo do Estado de Santa Catharina. Proferida em 27 de julho de 1895. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>2</sup> ib. idem.



1894.<sup>3</sup> Não é de se estranhar, dado o contexto que o levou à proeminência política, que fosse em seu governo proposta, com ampla aceitação, a mudança do nome da capital. E que com o reconhecimento político e popular granjeados, se dirigisse ao Congresso Representativo com um projeto de governo bastante ousado.

Na Mensagem de 1895, são citadas, dentre outras obras a serem executadas no decorrer daquele governo: linhas telegráficas, a estrada de ferro que partiria do porto de Itajaí em direção ao planalto de Lages (concluída, apenas parcialmente, muito mais tarde), inúmeras estradas - “as artérias do povo”<sup>4</sup>, a construção de um lazareto e da cadeia pública, obras no edifício da Capitania dos Portos, consertos no Teatro Álvaro de Carvalho e, ícone maior destes quatro anos de “Governo Republicano”, a reforma do antigo Palácio do Governo.<sup>5</sup>

Em 1893, o antigo casarão do Governo, “construído lá pelos idos de 1770 ou 1780”<sup>6</sup>, foi palco de alguns dos mais encarniçados acontecimentos da Revolução Federalista. Oswaldo Rodrigues Cabral nos fala de 3 mortes em seu interior<sup>7</sup>, e o Jornal do Comércio de 5 de agosto de 1893 que suas paredes teriam ficado crivadas de balas<sup>8</sup>, durante as contendas pela posse de suas dependências; como se quem o conquistasse fincasse uma bandeira definitiva pela posse do Estado.

Buscavam o Executivo e o Legislativo, então, demarcar a passagem daquele passado recente, quando Desterro havia sido, por quase um ano, a Sede do Governo Provisório Federal da República, para os novos

---

<sup>3</sup> PIAZZA, Walter Fernando. Santa Catarina: sua história. Editora Lunardelli/ Editora da UFSC, Florianópolis, 1983.

<sup>4</sup> LUZ, Hercílio Pedro da. op. cit.

<sup>5</sup> Estas obras encampadas pelo governo Hercílio Luz estão amplamente documentadas em: LUZ, Hercílio Pedro da. op. cit. e Ofícios da Secretaria de Terras, Colonização e Obras Públicas para o Palácio do Governo - 1894-1898. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>6</sup> SOUZA, Sara Regina Silveira de. A presença portuguesa na arquitetura da Ilha de Santa Catarina - séculos XVIII e XIX. FCC, Florianópolis, 1981, p. 138.

<sup>7</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. História de Santa Catarina. Lunardelli, Florianópolis, 1970, p. 262.

<sup>8</sup> GOMES, Manoel. Do Palácio Rosado ao Palácio Cruz e Sousa. 2a. edição, Governo do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 1980, p. 45 e 46.



tempos de governo.<sup>9</sup> Assim, Florianópolis foi “construída”, dentro daquele projeto estadual, na perspectiva modernizadora própria aos primeiros governos republicanos; e a reforma do Palácio do Governo foi encarada como a mais representativa deste processo.

Segundo Sara Regina de Souza, o Governador Hercílio Luz em pessoa encaminhou o início das obras:

“Por intermédio do Sr. Joaquim Manoel da Silva, comerciante em Florianópolis, o governador Hercílio Luz ficou conhecendo trabalhos de uma equipe de Montevideu que viera a esta capital para construir a residência do citado homem de negócios.

“(…).

“A casa magnífica do Senhor Quinca Manoel chamou a atenção do governador (...), que, a seguir, tomou as providências necessárias para mandar buscar a equipe (...) para reformar o Palácio do Governo.”<sup>10</sup>

Esta equipe era composta por uruguaios descendentes de italianos e por italianos que vieram em busca de trabalho no Brasil. Isto está muito bem documentado nos ofícios da Companhia de Terras, Colonização e Obras Públicas<sup>11</sup>, dado o hábito destes operários de trocarem suas horas de serviço por passagens para sua terra natal:

“(…) cumpre-me comunicar-vos que (...) dos operários que trabalharam nas obras de palácio, verifiquei que os de nome José Paletti, Gabriel [Sielva], Gervásio Cuneo, Máximo Piculi, Pedro

---

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Luiz Henrique Pereira. Emblema do novo: Desterro no passado. Inédito (gentileza do autor).

<sup>10</sup> SOUZA, Sara Regina Silveira de. op. cit. p. 151 e 152

<sup>11</sup> A Companhia de Terras, Colonização e Obras Públicas do Estado de Santa Catarina era a responsável direta pelo repasse de verbas para os funcionários empregados nas obras do Palácio, e para os fornecedores de objetos, artefatos e matérias-primas; seu diretor, na época, era Emílio Gallois.



[...] e Alberto Pifarreti, teem direito a passagem de primeira classe até Montevidéo (...)”<sup>12</sup>

Em outro documento, há uma referência a uma viagem à Europa, a ser efetuada pelo senhor Gabriel Sielva, com valor correspondente a “10 sacadas feitas para as obras do (...) palácio”.<sup>13</sup>

Dada a inexistência de ofícios da Secretaria de Terras, Colonização e Obras Públicas que indiquem a abertura de concorrência pública para a execução da obra - rotina comum para as outras obras do mesmo período - e o fato do contrato de trabalho desta equipe, como mostra o ofício de 17 de dezembro de 1896, assinado pelo diretor Emílio Gallois, ter sido celebrado “com o Dr. Governador por intermédio do cidadão Joaquim Manoel da Silva”<sup>14</sup>, somos levados a pensar que Hercílio Luz tomou a reforma do Palácio quase como um projeto pessoal.

Talvez como um reflexo de atitudes deliberadas do então governador, para ver executadas com a maior presteza possível as obras do Palácio, em 19 de novembro de 1896 elas foram suspensas por determinação judicial. O jornal *O Estado*, no dia seguinte, trazia a acusação de que as obras haviam sido suspensas devido à impossibilidade que o governo teria de saldar suas dívidas; dado que na reforma ainda se gastaria “quantia superior a 700 contos de réis”.<sup>15</sup> Contra o responsável pela fiscalização e pelo andamento das obras, José Maria dos Santos Carneiro<sup>16</sup>, que havia se negado a obedecer a ordem judicial, a ponto de ser necessá-

---

<sup>12</sup> Ofícios da Companhia Terras, Colonização e Obras Públicas para o Palácio do Governo - julho a dezembro de 1896. Ofício n. 690 de 17 de dezembro de 1896, Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>13</sup> Ofícios da Companhia Terras, Colonização e Obras Públicas para o Palácio do Governo - julho a dezembro de 1897. Ofício n. 665 de 13 de novembro de 1897, Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>14</sup> Ofícios da Companhia Terras, Colonização e Obras Públicas para o Palácio do Governo - julho a dezembro de 1896. Ofício n. 690 de 17 de dezembro de 1896, Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>15</sup> O Estado, n. 159 de 20 de novembro de 1896, p. 01. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

<sup>16</sup> LUZ, Hercílio Pedro da. op. cit.



ria a força policial para impedir a entrada de funcionários nas dependências do Palácio, desfechou o periódico: “O Sr. Carneiro que vá construir Palácios de Papelão”.

O florianista Hercílio Luz assumira, em 6 de agosto de 1896, perante o Congresso Representativo de Santa Catarina, em relação às obras do Palácio do Governo, o compromisso que: “[a]té o fim do corrente ano deverão estar concluídas.”<sup>17</sup> Por isso, em dezembro do mesmo ano, ele pede que Emilio Gallois em pessoa, Diretor da Companhia de Terras, Colonização e Obras Públicas, fiscalizasse o bom andamento das mesmas. É dele o relato abaixo, endereçado ao Governador em pessoa:

“Attendendo ao convite que me fizestes em officio circular de 30 de novembro findo, apresentei-me no dia 2 do corrente no edificio do palácio em construção afim de proceder a uma vistoria nas obras em andamento e deliberar-se sobre as providências que se deveria tomar.”<sup>18</sup>

A comissão presidida por Emílio Gallois, no mesmo ofício, concluiu que, não obstante a decisão judicial, era grande prejuízo aos cofres do Estado as obras ficarem paradas e que elas deveriam ser concluídas em partes. Devendo o Governo e a Secretaria do Governo, logo que concluídas duas salas do pavimento térreo, no prazo provável de dois meses, funcionar nelas. Dado o parecer desta comissão, Emílio Gallois recebe, em 4 de dezembro de 1896, ordens do Palácio do Governo de retomar os trabalhos; tomando o cuidado que as despesas não excedessem “a três contos por mez”<sup>19</sup>. Mas, não obstante o ofício de Emílio Gallois preven-

---

<sup>17</sup> LUZ, Hercílio Pedro da. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo de Santa Catarina em 6 de agosto de 1896. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>18</sup> Ofícios da Companhia de Terras, Colonização e Obras Públicas para o Palácio do Governo - julho a dezembro de 1896. Ofício n. 658 de 3 de dezembro de 1896. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>19</sup> Correspondências do Palácio do Governo para a Companhia de Terras, Colonização e Obras Públicas - 1896. Correspondência de 4 de dezembro de 1896. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.



do a ocupação iminente do Palácio, apenas um ano mais tarde, em 1º de janeiro de 1898, a Companhia de Terras, Colonização e Obras Públicas seria a primeira Secretaria a se instalar “nos compartimento da parte térrea da frente da ala esquerda do palácio em construção”<sup>20</sup>; nas palavras de seu Diretor, “afim de tornar-se mais fácil a minha fiscalização e bom andamento do serviço”<sup>21</sup>.

As obras no Palácio do Governo extrapolaram todos os prognósticos de prováveis prazos de entrega das mesmas. Em mensagem apresentada ao Congresso Representativo de Santa Catarina, datada de 11 de agosto de 1898, quando já se achavam instalados nas dependências do Palácio em construção “o Gabinete do Governador, o Archivo da Secretaria e a Repartição das Terras Colonização e Obras Públicas”<sup>22</sup>, diz Hercílio Luz: “As importantes obras do palácio do Governo estão a concluir-se, faltando somente a ornamentação interna de algumas subdivisões d’esse importante edificio”<sup>23</sup>. Mas, de fato, ainda em 1899, no governo de Felipe Schmidt, este governador, ressaltando o peso que elas significavam para os cofres do Estado, se referiu à reforma da seguinte maneira: “As obras do palácio do Governo vão prosseguindo lentamente”<sup>24</sup>.

Não foi empresa das mais simples a reforma daquela antiga construção colonial, documentada em uma gravura de La Pérouse, de 1785, e em um quadro do menino Vitor Meireles, de 1846<sup>25</sup>. O jornal O Despertador de 24 de setembro de 1884, assim se refere ao estado de conservação do palácio do Governo, por ocasião de obras de conserto e limpeza

---

<sup>20</sup> Offícios da Companhia de Terras, Colonização e Obras Públicas para o Palácio do Governo - janeiro a junho de 1898. Ofício n. 5 de 10 de janeiro de 1898. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>21</sup> Offícios da Companhia de Terras, Colonização e Obras Públicas para o Palácio do Governo - julho a dezembro de 1897. Ofício n. 714 de 17 de dezembro de 1897. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>22</sup> LUZ, Hercílio Pedro da. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo de Santa Catarina em 11 de agosto de 1898. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>23</sup> *ib. idem*.

<sup>24</sup> SCHMIDT, Felipe. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo de Santa Catarina em 10 de agosto de 1899. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>25</sup> SOUZA, Sara Regina Silveira de. *op. cit.* p. 138.



mandadas fazer pelo “Excelentíssimo Sr. Dr. Paranaguá”, o então Presidente da Província de Santa Catarina:

“Ainda bem que o Sr. Ex<sup>a</sup>. veio de ânimo feito a transformar o palácio de uma verdadeira espelunca em uma habitação decente. “O palácio, no estado em que se achava, era uma verdadeira vergonha.”<sup>26</sup>

Como programa estilístico a ser seguido para a reforma de 1895, optou-se pelo ecletismo internacional, “produto do intercâmbio de influências” próprio à segunda metade do século XIX, quando “[o] Neoclassicismo e o Romantismo, comuns a todo o mundo ocidental, fundiram-se (...) numa mescla estilisticamente múltipla e morfológicamente indefinível”.<sup>27</sup> Como lembra-nos Henrique Luiz Pereira Oliveira:

“Verdadeiro baile de fantasias dos estilos históricos, o ecletismo era também uma afirmação do cosmopolitismo moderno. Desta forma a profusão de estilos, ao mesmo tempo que remete à história, era naquele momento um sinal de ‘modernidade’.”<sup>28</sup>

Programa difusamente aproveitado pelos primeiros republicanos, como uma maneira de acentuar o caráter positivista de seus governos. Mas que não facilitou, de maneira alguma, a empresa idealizada pelo Sr. Hercílio Luz e pelos representantes do povo catarinense de dar uma cara nova àquele velho sobrado colonial.

---

<sup>26</sup> O *Despertador*, 24 de setembro de 1884, n.2234, p. 2, Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. A reportagem se refere, de fato, ao palácio que hoje, transformado, ainda se encontra à Praça XV de novembro. E não à antiga casinhola que serviu de residência a José da Silva Paes, demolida em 1895. Pois a notícia supracitada termina assim: “O palácio tem acomodações bastantes, podendo, talvez, no pavimento terreo, acomodar mais uma repartição publica”.

<sup>27</sup> VEIGA, Eliane Veras da. *Florianópolis: memória urbana*. Editora da UFSC; Fundação Franklim Cascaes, Florianópolis, 1993, p. 143.

<sup>28</sup> OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. *op. cit.*



O número ostensivo de adornos esculpidos, platibandas, balaustradas, cornijas, falsas colunas, tetos preenchidos com estuque, aplicação de papéis de parede em seu interior, uma abóbada construída por sob o telhado (visível apenas do interior do Palácio), o uso de pilastras de ferro e a confecção de estátuas fizeram com que fosse sobremaneira superado o prazo provável de término das obras. Assim como, dado o episódio de paralisação das obras descrito acima, redundou em abalo das finanças do Estado.

Ocorreram, durante o ano de 1896, alguns problemas de rachadura, diferenças de nível entre assoalhos - fatos devidos, segundo Emílio Gallois, a uma falta de planejamento<sup>29</sup>, e de infiltrações na clarabóia instalada no alto do telhado<sup>30</sup>, que contribuíram, também, para que as previsões de entrega das obras fossem por água abaixo. Mas os maiores problemas, que redundavam em assoberbamento de gastos e morosidade dos trabalhos, eram: a demanda de materiais e artefatos não existentes no Estado - como mármore de Carrara, gesso, ferragens e demais objetos e materiais importados - e a contratação de mão de obra especializada para a execução de serviços ainda tidos como inéditos para aquela Santa Catarina de fins do século XIX.

A casa Cesar Mola de Montevidéu forneceu mármore para as obras do Palácio, transportados até a capital do Estado pela companhia Carlos Hoepcke<sup>31</sup>; Silva & Ramos, firma de Florianópolis, intermediou a entrega de “ferragens e mais objetos vindos de Montevidéu para as obras

---

<sup>29</sup> Ofícios da Companhia de Terras, Colonização e Obras Públicas para o Palácio do Governo - julho a dezembro de 1896. Ofício n. 691 de 17 de dezembro de 1896. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>30</sup> Solução estética e técnica que, no caso específico do antigo Palácio do Governo, parece ter sido de difícil adaptação, dado que até 1910 a clarabóia que encimava o telhado era de forma piramidal, reproduzindo perfeitamente a forma do telhado; e não casinhola de vidro que hoje se sobressai no topo do mesmo telhado.

<sup>31</sup> Ofícios da Companhia de Terras, Colonização e Obras Públicas para o Palácio do Governo - janeiro a junho de 1897. Ofício n. 238 de 19 de abril de 1897; Ofícios da Companhia de Terras, Colonização e Obras Públicas para o Palácio do Governo - julho a dezembro de 1897. Ofício n. 516 de 19 de agosto de 1897. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.



do palácio”<sup>32</sup>; Antônio de Castro Gandra forneceu, também, “materias” para as obras de reforma do Palácio<sup>33</sup>; Monteiro e Cia., do Rio de Janeiro, forneceu móveis e objetos de tapeçaria<sup>34</sup>; além de outros particulares que empreenderam serviços eventuais. Tanto pesavam os encargos aduaneiros referentes à estas transações comerciais, que, em 19 de agosto de 1896, o Palácio do Governo assim se dirigiu ao Ministro da Fazenda, Francisco de Paula Rodrigues Alves, no Rio de Janeiro:

“Achando-se em obras, já bastante adiantadas, o Palácio do Gov. deste Est., peço-vos que sejam dispensados do pagamto. de direito todos os objectos mandados vir para o mmo. Palácio, tal como móveis, mármore, ladrilhos, azulejos, espelhos, tapeçarias, adornos pa. salas, aparelhos pa. luz, louça, [ ], vidros e vidraças coloridas, gradis, corrimões, portões de ferro, gesso, terra romana, colla e ferragens pa. portas, que sejam endereçadas a este govo.”<sup>35</sup>

O que, frustrando as expectativas do governo catarinense, redundou na seguinte resposta, por parte do Ministério da Fazenda: “não pode ser attendido o vosso pedido”.<sup>36</sup>

Em 6 de agosto de 1896, na sua Mensagem anual ao Congresso dos Representantes do Estado de Santa Catarina, Hercílio Luz declarou terem sido despendidos, “até o presente, 264:000\$000 réis”; e que as

---

<sup>32</sup> Ofícios da Companhia de Terras, Colonização e Obras Públicas para o Palácio do Governo - janeiro a junho de 1897. Ofício n. 358 de 21 de junho de 1897. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>33</sup> Ofícios da Companhia de Terras, Colonização e Obras Públicas para o Palácio do Governo - janeiro a dezembro de 1898. Ofício n. 61 de 10 de fevereiro de 1898; ofício n. 365 de 24 de outubro de 1898. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>34</sup> *idem.* Ofício n. 305 de 12 de setembro de 1898. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>35</sup> Ofícios do Palácio do Governo para o Ministério da Fazenda - 1891 a 1901. 19 de agosto de 1896. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>36</sup> Ofícios do Ministério do Negócios da Fazenda para o Palácio do Governo - 1893 a 1915. Ofício n. 26 de 19 de setembro de 1896. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.



“obras tem sido retardadas por falta de operários e material, o que também tem concorrido para elevar seu custo.”<sup>37</sup> Um ano mais tarde diria que as obras “prosseguem com a brevidade que permitem os recursos do Tesouro”<sup>38</sup>; no mesmo ano em que as despesas com pintura, escultura, reboco, assoalhamento, dentre outros serviços, começavam a exigir a paciência dos Congressistas e os fundos do Tesouro do Estado.

Dentre outros prestadores de serviço, Paulo Hering, de Blumenau, efetuou a “pintura e forração de papel” dos interiores.<sup>39</sup> Germano Kramm, que já havia prestado outros serviços para a Companhia de Terras, Colonização e Obras Públicas, cuidou “do ajardinamento ao lado do palácio”.<sup>40</sup> Os cidadãos Fiorenzano & Brando forneceram “materias e obras de funileiro (...) para o encanamento d’água do edifício”.<sup>41</sup> João Brigmann construiu uma casinhola para abrigar o “gasometro”.<sup>42</sup> Fernando Stencil forneceu mão-de-obra para “conclusão das obras das duas escadas principais dos fundos do edifício do palácio, pilares e balaustrada”.<sup>43</sup> Carlos Jonas forneceu a clarabóia para o topo do teto do Palácio.<sup>44</sup> Luis Bratti foi pago por serviços de emboço e reboco.<sup>45</sup> François Grizard venceu concorrência para o serviço de assoalhamento dos interiores do Palácio.<sup>46</sup> Ao encargo de Gabriel Sielva, cidadão italiano, e seus ajudan-

---

<sup>37</sup> LUZ, Hercílio Pedro da. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo de Santa Catarina em 6 de agosto de 1896. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>38</sup> LUZ, Hercílio Pedro da. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo do Estado de Santa Catarina em 10 de agosto de 1897. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>39</sup> Ofícios da Companhia de Terras, Colonização e Obras Públicas para o Palácio do Governo - julho a dezembro de 1897. Ofício n. 678 de 24 de novembro de 1897. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>40</sup> Ofícios da Companhia de Terras, Colonização e Obras Públicas para o Palácio do Governo - janeiro a dezembro de 1898. Ofício n. 189 de 16 de maio de 1898. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>41</sup> idem. Ofício n. 299 de 5 /setembro/ 1898. Arq. Público do Estado de S. Catarina.

<sup>42</sup> idem. Ofício n. 386 de 11 /novembro/ 1898. Arq. Público do Estado de S. Catarina.

<sup>43</sup> idem. Ofício n. 422 de 8 /dezembro/ 1898. Arq. Público do Estado de S. Catarina.

<sup>44</sup> idem. Ofício n. 316 de 1º /junho/ 1897. Arq. Público do Estado de S. Catarina.

<sup>45</sup> idem. Ofício n. 127 de 1º /abril/ 1898. Arq. Público do Estado de S. Catarina.

<sup>46</sup> idem. Ofício n. 236 de 22 /julho/ 1898. Arquivo Público do Estado de S. Catarina.



tes, foram entregues os serviços de escultura a cimento - tanto dos ornatos exteriores quanto da estatuária<sup>47</sup>.

Fruto daquele trabalho, do alto das platibandas do antigo Palácio do Governo vigiam a cidade doze estátuas simbólicas de inspiração notadamente greco-romana - seis voltadas ao poente e seis voltadas ao nascer do sol. Algumas das figuras mais significativas são: Mercúrio, com tonéis a seus pés, em alusão ao comércio; Netuno ou Júpiter, com um timão ao seu lado, significando tanto a navegação quanto a boa direção dos negócios do Estado; Anfitrite, Deusa do Mar, emergida de uma concha, ladeada por figuras infantis, uma delas segurando uma âncora, simbolizando a vocação marítima; e Santa Catarina, no lado esquerdo da fachada do Palácio, segurando uma chave com sua mão esquerda, e, dentre outras figuras, ladeada por um touro. Manoel Gomes, a uma das estátuas, mais precisamente àquela que encima o Palácio na sua extremidade norte, voltada para a praça XV de novembro, assim se refere:

“(...) tem na base um bloco na forma de um cubo, sobre que está um livro aberto, e sobre o livro, maçonicamente dispostos, um esquadro e um compasso, ou seja, entrelaçados. E mais: sobre os instrumentos, há um fio de prumo.”<sup>48</sup>

Figura que deve ter sido vista com simpatia por Hercílio Luz. Há ainda, pelo menos, uma figura diretamente associada ao positivismo, segurando uma espécie de caduceu na mão direita, rodeada de livros, com um globo ao seu lado. Na frente do Palácio, encapsuladas em seus nichos, há duas figuras que guardam a entrada principal: uma simbolizando a agricultura, porque trazendo ao peito um feixe de trigo e segurando na mão direita a guia de um arado; outra, a indústria, pois que estava suportando com a mão direita um martelo sob uma bigorna.

---

<sup>47</sup> Ofícios da Companhia de Terras, Colonização e Obras Públicas para o Palácio do Governo - janeiro a junho de 1897. Ofício n. 110 de 22 de fevereiro de 1897. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

<sup>48</sup> GOMES, Manoel. op. cit. p. 51.



Além dessa estatuária, a parte externa do edifício carrega o observador com uma profusão de falsas colunas, frontões estilizados, motivos rococó, barrocos, neo-clássicos, entre outros. Mesma impressão que parece nos passar a experiência do interior do Palácio, se bem que esta de maior suntuosidade e sofisticação. O amplo vitral que separa o vão da escada do Salão Vermelho; a colorida cúpula moldada em estuque, abrigando os municípios do Estado, e que culmina com uma inspiradora clarabóia: *art nouveau* entregando ares de modernidade, luzes de um conhecimento e de uma razão européias ao Palácio do Governo catarinense. Miríade de símbolos que buscavam, talvez, alicerçar a legitimidade daquele governo e sugerir a transição para uma nova época, onde o trabalho e o conhecimento seriam pautados pelas ações do Estado.

Ainda hoje, quem se aproxima do atual Palácio Cruz e Sousa<sup>49</sup> - mesmo após algumas reformas nem sempre muito fiéis - ainda pode imaginar a impressão que causou na Florianópolis da virada do século, a nova face daquele antigo edifício oficial; e este visitante ocasional talvez possa perceber que radical mudança na paisagem urbana significou aquela reforma. Exatamente num momento da história em que havia um passado a ser esquecido, na lembrança da antiga Desterro, e uma nova cidade por construir. Era como se com a bandeira da República, debelada a revolta federalista de 1893, as tropas de Floriano tivessem trazido a Santa Catarina, além da espada e do fuzil que silenciam, os ícones visíveis da “ordem” e do “progresso” da nação brasileira.

---

<sup>49</sup> Por lei Estadual nº 5512 de 20 de fevereiro de 1979, assinada pelo então Governador do Estado Antônio Carlos Konder Reis, o antigo Palácio do Governo, conhecido como Palácio Rosado graças à cor escolhida para cobrir suas paredes na reforma promovida por Hercílio Luz, passou a se chamar, em homenagem ao poeta negro autor de, entre outras obras, *Missal e Broquéis*, **Palácio Cruz e Sousa**.

## Fragmentos de Nossa História Local

*Para compassar com os debates da nova historiografia, o leitor de **Blumenau em Cadernos** encontrará em “Fragmentos de Nossa História Local”, notícias que circularam nos periódicos da região do Vale do Itajaí entre o final do século passado e meados deste final de milênio.*

*No universo das notícias, novos objetos de estudo se apresentam para a reconstituição dos “manifestos” dos saberes, dos hábitos, do cotidiano, e enfim, da mentalidade de uma época e vão entrando para o horizonte da historiografia.*

- Escola de Natação
- Automóveis e seus problemas



Casa de Banho e Escola de Natação - 1913



### **Estabelecimento de banhos**

Esta cidade será enriquecida por uma inovação que não servirá à indústria, ao comércio, à agricultura, mas que fica destinada a elevar o bem estar individual dos habitantes de Blumenau. Trata-se de um estabelecimento de banhos, cuja construção, iniciada nos últimos dias do mês passado, no Rio Itajaí, abaixo do canal de Peters, já está adiantada, de sorte que em breve será aberta uma parte do estabelecimento, a das barracas de banhos. Em seguida vai ser terminado o nadadouro. Desejaríamos que o público prestigiasse a útil empresa, freqüentando-a assiduamente. Os preços hão de ser tão moderados que todos poderão gozar de banhos frescos no interesse de sua saúde.

(Fonte: Der Urwaldsbote - 28/9/1913 - p. 3)

### **Estabelecimento de Natação**

Escreve-nos o senhor Adolf Tallmann:

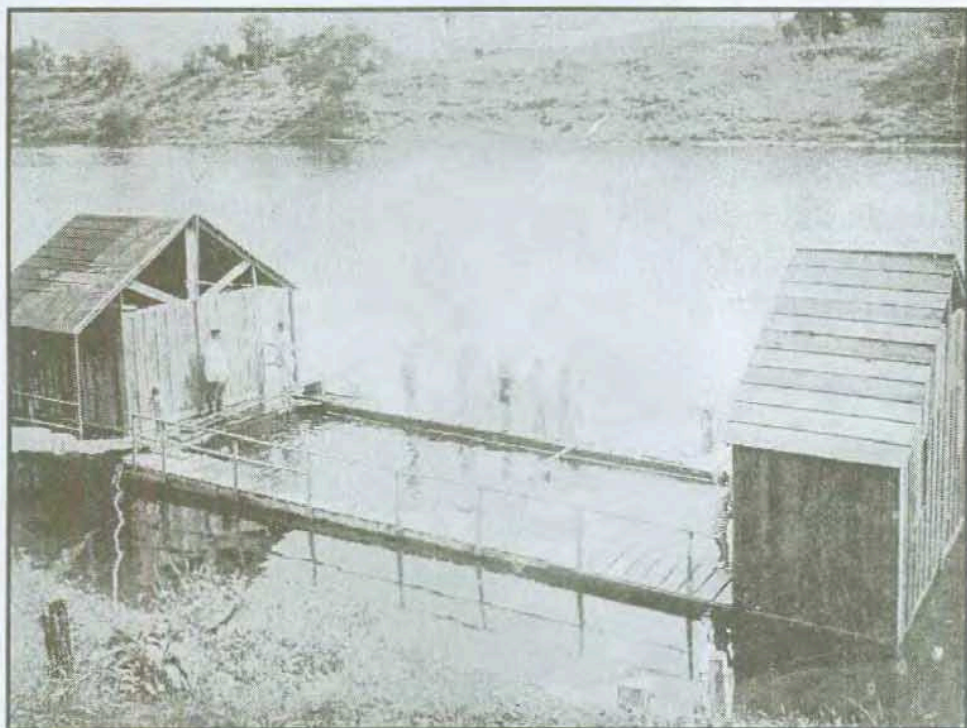
O estabelecimento de banhos e natação do Sr. Otto Schernikau está aberto e vai ser ainda mais completo, embora já satisfaça a todos os desejos. Oferecem-se ao público todas as comodidades por preços que permitem que cada qual possa tomar um banho refrescante e útil ao corpo. No intuito de se evitarem desastres, o Sr. Schernikau e seu filho cuidarão da mocidade. Ao mesmo tempo, quem quiser, poderá, por preço módico, aprender a nadar, qualquer sexo ou idade que seja, sendo as senhoras e meninas instruídas por uma senhora. O Sr. Schernikau, antigo soldado de um batalhão de pioneiros do exército alemão, é experimentado mestre de natação. Como os pioneiros, têm de trabalhar na água e na terra, é claro que todos eles são perfeitos nadadores.

Não há quem negue que a arte de nadar para nós blumenauenses constitui um assunto de importância e utilidade. Chamamos a atenção para as freqüentes inundações e para o fato de que já muitos perderam a vida no Rio Itajaí, porque não sabiam nadar, e ninguém corria a salvá-los; pois os perfeitos nadadores são raros entre nós. Recentemente, por exemplo, afogou-se um jovem negociante de nome Babbe ao tomar banho.



Quem conhece a delícia de um banho refrescante no rio, não hesitará em aproveitar-se da ocasião, e aos senhores professores é que se dirige o pedido especial de animarem a infância a exercícios tão úteis e salutares.

(Fonte: Der Urwaldsbote - 07/12/1913 - p. 3)



Instalações da Escola de Natação

**A Calamidade dos Automóveis** acaba de entrar neste município. Domingo passado, dois automóveis, desde a madrugada até a alta noite, transitaram na estrada geral entre Blumenau e Itoupava Seca. Os moradores de certo não gostam de ver, de dez em dez minutos, passar um desses produtores de poeira, mau cheiro e ruído. Ao nosso ver, ainda não se faz sentir em Blumenau a necessidade de automóveis. Em todo caso, as autoridades têm o dever de cuidar rigorosamente de que os veículos observem velocidade moderada e não se admitam senão *chauffers* que tenham carta, para se evitar desastre. Cumpra que semelhantes excessos não se repitam.

(Fonte: Der Urwaldsbote - 09/11/1913 - p. 3)



### Automóveis

A polícia proibira de funcionar a “Companhia Blumenauense de Automóveis”, enquanto não dispusesse de *chauffers* diplomados. Durante oito dias ficavam desimpedidas as ruas, eis que se apresenta um condutor nas condições da lei, e agora a corrida vai continuando desde a madrugada até alta noite. Todos correm salvando-se, fugindo, ao fazer-se ouvir a formidável sirena. Nas ruas relativamente estreitas da cidade é bem considerável o trânsito de carros. Nestas circunstâncias os automóveis antes constituem um obstáculo ao trânsito, em vez de animá-lo, e o público em geral não gosta da velocidade exagerada dos “veículos cheirosos.” Em todo caso não basta que um profissional conduza as máquinas, é necessário fixar-se certa velocidade que não possa ser excedida.

### Novo Meio de Trânsito

Acabamos de receber as linhas seguintes: O que escrevestes acerca do trânsito de automóveis nesta cidade, de certo não falta verdade e merece consentimento geral. Mas também por aqui o *veículo cheiroso* fará finalmente o seu papel porque oferece mais vantagens do que desvantagens. O nosso trânsito para Joinville, por exemplo, é mediante o automóvel suscetível de um aumento considerável; pois, um automóvel vence em seis horas o trajeto em que um carro de mola leva dois dias. Deve-se aliás tomar em consideração o atual estado das estradas que admite grande velocidade. Mas o desenvolvimento do trânsito de automóveis para Joinville depende em primeiro lugar do alargamento da estrada do Rio do Testo, cuja insuficiência se torna cada vez mais evidente, de modo que, sobretudo nas curvas estreitas, é quase impossível evitar desastres, travando os carros, ao encontrarem-se com automóveis, relações pouco agradáveis com cercas de arame farpado e valetas. É necessária, finalmente, a organização de um regulamento que imponha considerável multa à velocidade exagerada de carros e automóveis em curvas e encruzilhadas. Com boa vontade por parte dos automobilistas e do povo pode-se arranjar tudo em harmonia.

(Fonte: Der Urwaldsbote - 16/11/1913 - p. 2)

## **Burocracia & Governo**

---

### **Ata de Constituição da Comissão de Turismo do Vale**

*O despertar para o turismo como fonte de riqueza para cidade de Blumenau e região do Vale do Itajaí vem de longa data. Em 1967, a municipalidade criou a Comissão Municipal de Turismo, encarregada de promover e incentivar o turismo na cidade.*

*Revedo as atas da época, encontramos as falas de lideranças e forças vivas que se uniram para fundar o TURVALE - Conselho Regional de Turismo do Vale do Itajaí.*

Ata da reunião da Comissão Municipal de Turismo, realizada a 21.10.1969 no Restaurante Frohsinn com os seguintes presentes: Herbert Mueller Hering, Presidente; Antônio Nunes, Henrique Herwig, Augustinho Schramm, Heinz Hartmann, José Ferreira da Silva, Nagel Milton de Mello, Arno Letzow e Guenther Steinbach. A sessão foi aberta com a leitura da ata da reunião anterior, em seguida foi lido o seguinte ofício, enviado ao Sr. Prefeito Municipal: "Prezado Senhor: Vimos, pelo presente, levar ao conhecimento de V. Excia. que esta Comissão Municipal de Turismo no dia 19.9.1969, esteve presente, juntamente com a C.M.T. de Itajaí, a uma reunião, realizada na cidade de Brusque, promovida pela Comissão Municipal de Turismo de Brusque. Outrossim, relatamos à V. Excia. a finalidade e as decisões tomadas nesse encontro:





1º.) Criar um órgão representativo do Vale do Itajaí, visando o desenvolvimento do Turismo na região. 2º.) O referido órgão será, inicialmente, constituído pelas comissões municipais de turismo de Brusque, Blumenau e Itajaí: Conselho Regional de Turismo do Vale do Itajaí (Turvale). 3º.) O Conselho Regional de turismo do Vale do Itajaí será constituído por 3 membros de cada comissão municipal de turismo; sendo que o presidente é considerado membro nato. 4º.) Cada comissão terá 1 voto. 5º.) Poderão participar do conselho as comissões de turismo do Vale do Itajaí, criadas futuramente e que forem admitidos pelo Turvale. 6º.) As despesas das promoções realizadas pelo Turvale serão cobertas pelas comissões participantes do Conselho, por rateio. 7º.) O presidente do Turvale terá mandato de 1 ano, com os demais membros. 8º.) O presidente do Conselho será um dos presidentes das comissões participantes, ficando eleito o atual presidente o Sr. Victor Hugo Paes Loureiro, também presidente da C.M.T. de Brusque. Após sua gestão assumirá o presidente da C.M.T. de Blumenau, e após este assumirá a presidência do conselho o presidente da C.M.T. de Itajaí, sendo este último substituído pelo presidente das novas comissões filiadas ao conselho, na seqüência de admissão. 9º.) As comissões municipais de Turismo filiadas ao Turvale continuarão autônomas, dentro de sua área municipal, podendo as suas promoções serem coordenadas pelo Turvale. 10º.) O Conselho Regional de Turismo do Vale do Itajaí, reunir-se-á mensalmente, sempre na última sexta-feira de cada mês. Sendo o que se apresenta para o momento, apresentamos a V. Excia. os nossos protestos de elevada estima e distinta consideração. Herbert M. Hering - presidente. O sr. Antônio Nunes disse ter recebido, do *Diatur*, informações econômicas sobre o Turvale, resultante da má divulgação de um jornal local. O Sr. Gunther expôs que o *Diatur* será beneficiado com a criação do Conselho Regional de Turismo do Vale do Itajaí, que assim tratará, quando necessário, com uma só pessoa e não com várias. O Sr. Presidente solicitou ofício ao Turvale informando que a próxima reunião do Conselho será no Frohsinn, às 20 horas. Solicitou ofício também à Srta. Ingrid Beatriz Stork, convidando-a para um jantar no dia 31 do corrente também no Frohsinn às 21 horas. O Sr. Nagel informou que a Srta. Ingrid virá fazer uma palestra sobre o concurso de Rainha do Turismo Brasileiro, promovido pelo "O Globo". O Sr. Hubert

informou que o jornal da moda fará uma reportagem de Santa Catarina, onde aparecerá Blumenau. O Sr. Gunther falou em nome da Sra. Ingrid, agradecendo a ajuda recebida e lamenta não ter trazido uma melhor colaboração para Blumenau. Em seguida foram escolhidos os membros que representarão esta comissão junto ao Turvale. Foram designados os senhores: Herbert Mueller Hering, Antônio Pedro Nunes e Nagel Milton de Mello. Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente deu por encerrada a sessão e para que constasse da ata, eu Ubirajara A. Ramos, Secretário Executivo, lavrei a presente que após lida e aprovada, vai por mim e pelos demais presentes, assinada.

Ubirajara A. Ramos  
Augustinho Schramm  
Henrique Herwig  
Nagel Milton de Mello  
Arno Letzow  
Guenther A. Steinbach  
Herbert Mueller Hering  
Antônio Nunes



**Verbetes  
para a  
História  
Catarinense**

**As Endemias  
não estão na  
História**

Texto:

*THEOBALDO  
COSTA  
JAMUNDÁ\**



**1 - Ontem, muito ontem endemias e epidemias  
aconteceram e sobre elas sabemos pouco me-  
nos que aconteceram**

Sabença sobre óbitos e enfermidades provocadas por endemias e epidemias, ainda não saiu do conhecimento: aconteceram. A malevolentíssima ação da Malária (década de 40 deste século) ainda não tem as páginas que informem.

A ausência de bibliografia sobre condições nosológicas e recursos sanitários desde 1850, persiste. Sabe-se que o médico Dr. Afonso Rabe, aparece interessado com consultório na cidade e também no enfrentamento das carências sanitárias, quando prefeito municipal de Blumenau no período de 28.06.1941 a 22.01.1944. E outro médico residente e domiciliado em Blumenau foi inspetor de defesa sanitária animal, oficial, do Ministério da Agricultura, chamava-se Osvaldo Espíndola. Tomando Indaial como brotação das raízes da “KOLONIE BLUMENAU” é conveniente informar que lá o médico sanitarista Boscardin, superintendeu serviço nacional de formação de agentes de comunidade especializados em projetos de saneamento básico: formou uma turma instruída pelo professor Calebe. O referido serviço correspondeu à necessidade regional, e a localização em Indaial atendeu duas variáveis: (1) A prática de saneamento básico era muito baixa; (2) A cidade centralizava a área de atuação do serviço.

---

\*) Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira no. 5 da Academia Catarinense de Letras e benemérito da Fundação Cultural de Blumenau.

### **2 - Se o bando de bugio urrava a chuva estava perto**

Gente (das nossas relações) vivida do berço aos mais de quarenta anos conversou puxando lembranças: Dentro das matas o bugio urrava como se tivesse medo, quando a chuva ainda estava para chegar: e um tanto assim como saudosa balançava a cabeça, negativamente, hoje são tão poucos que precisa ter ouvidos de ouvir bugio urrando. Esse hoje é referência ao tempo limitado entre 1941 e 1959. - E qual o fim dos bugios? - Vezes e vezes perguntamos. - A resposta sempre foi a mesma: o surto de Febre Amarela matou. Além de matar bugio a Febre Amarela saiu de dentro da mata e entrou na casa das pessoas. - Quem queira saber sobre essa febre, leia Oswaldo R. Cabral: “Medicina, Médicos e Charlatões do Passado” (1942).

Durante toda vivência no garimpo dos catarinensismos, 25 anos dela na geografia dos Itajais: não ouvimos de alguém ter parente ou conhecido morto por Febre Amarela ou Varíola ou Tifo ou Malária. A impressão é que riscaram da memória o que incutia tristeza ou alimentava a infelicidade: não perdiam tempo com o nome da doença ou o dia da morte. Preferiam o zelo na manutenção do cemitério: lembrada ação comunitária injetada de religiosidade e bem querer.

### **3 - Quais as enfermidades que como endemias ou epidemias envolveram habitantes de Blumenau?**

Quem procurar nas monografias, nos almanaques, nos calendários e nos textos históricos, não achará resposta: não está no livro do Centenário (1850-1950); não está na História de Blumenau (1972) de José Ferreira da Silva; nem no prof. Joaquim de Sales, Guia da Cidade de Blumenau (1954).

Dir-se-ia que a agressividade negativa de modo plural envolveu o dar informação sobre as enfermidades, já antes mencionadas. E é tão forte o interesse em omiti-las, que, sobre a “Gripe Espanhola” que em-



pestiou mundo em 1918, não existe referência. - Pergunta-se: o habitante de Blumenau foi imune a ela?

### **4 - Quatro autores noticiam**

De tantos que assinaram responsabilidade de páginas sobre blumenauensidades, quatro dizem: o geógrafo Victor A. Peluso Jr., afirma que a Malária é endêmica em Rio do Sul (1942); a historiadora Sueli Maria Vanzuita Petry e o jornalista Luiz Antônio Soares, autores felizes e incomparáveis de “ACIB BLUMENAU 90 ANOS”, registram: que nos anos 1906, 1908 e 1942 ocorreram epidemias em Blumenau. (Exatamente em 1942 a Malária, testemunhamos e fomos vitimados por ela em 1945, vivíamos nesse município empestiado por ela e tomamos a deliberação de ser colaborador do “Serviço Nacional da Malária - SNM” sediado em Blumenau na avenida Rio Branco: “Subida” lugar indaialense todos os seus habitantes foram maláricos.) Outro autor sem medo de escrever o que poderia não colher simpatia foi a geógrafa com especialidade em Antropologia Física, Ursula Albersheim, UMA COMUNIDADE TEUTO-BRASILEIRA (Jarim) 1962; diz ter visto em Ibirama carências elementares de saneamento básico. Quem introduziu a cientista social e também de ciências humanas nos abeiramentos do rio Hercílio, foi o atual professor de Direito, Orlando Ferreira de Melo.

Imagina-se que a referida autora escreveu o que observou porque era imune à pressão do bairrismo apologético e adquirira a formação científica como aluna dos professores Darcy Ribeiro e Oracy Nogueira.

### **5 - O Meio rural foi de mil e um riscos ao corpo inteiro**

Os sanitaristas de hoje sabem mais que os de ontem. O povão de hoje também. Mas são raras as informações do acontecido ontem. E por serem muita gente, imagina que os ancestrais viveram e conviveram tempos saudáveis no lar, no trabalho e nas picadas, nos caminhos, nas estradas e onde mais estivessem. Deduz-se entretanto que, a vida rural domi-

nante tanto e tantos tempos e que dominadora chegou até a metade e mais um pouco deste século, sempre ofereceu desconforto, consumiu a carne dos ossos e bebeu o suor de rios de sangue: a ruralidade foi escultora de velhices marcadas pela brutalidade de fazeres brutos, e na ambiência: a exótica flor do gravatá inspirava e o vector da malária atuava. No meio rural a excentricidade da natureza era reinado da contradição. Isto, principalmente, quando ainda o processo civilizatório bem não completara o seu meio século.

### **6 - O ufanismo bairristico e o uso da apologia diferenciadora, existiram?**

A paisagem humana vista como cartão postal e a potencialidade industrial, seriam prejudicadas se ocorressem informações sobre as carencias de saneamento básico? - Claro que não! O meio rural livre de posturas municipais e as periferias suburbanas carentes de água potável, rede de esgoto e com plantações de hortaliças adubadas com fezes, foram itens relacionados na intimidade: imagina-se terem sido entendidos na propriedade de literatura especializada: no pictorial aparecem a orquídea, a borboleta e a artística folha do cipó imbé ou a anta no seu jeito de bicho cômico, os mil e um vectores de doenças ficam para os olhos caçadores dos inimigos da criatura humana. Tais caçadores produzem outra literatura.

Daí sabemos pouco, muito pouco ou quase nada: sobre a febre que dizimou bugios e bugios; sobre a Malária e sua ilação com o corte de árvores adultas (que não foi pequeno) no espaço hoje urbano: “Ponta Aguda”; sobre que gravidade o Tifo ainda ocorria na década de 40?



## **Autores Catarinenses**

- **Quem foi João Maria**
- **Mais que uma Antologia**
- **Outros livros**

Texto:

*ENÉAS  
ATHANÁZIO\**



## **Quem foi João Maria**

Em seu mais recente livro, o incansável pesquisador catarinense Nilson Tomé faz uma profunda incursão no passado para dele extrair o que existe de verdade sobre o “monge” João Maria, separando-a das lendas e mitos que cercam essa figura tão venerada na região do Contestado a ponto de ser santificada pelo povo humilde, para o qual se tornou “São João Maria”, cuja lembrança imperecível perdura em todos os lugares por onde teria peregrinado.

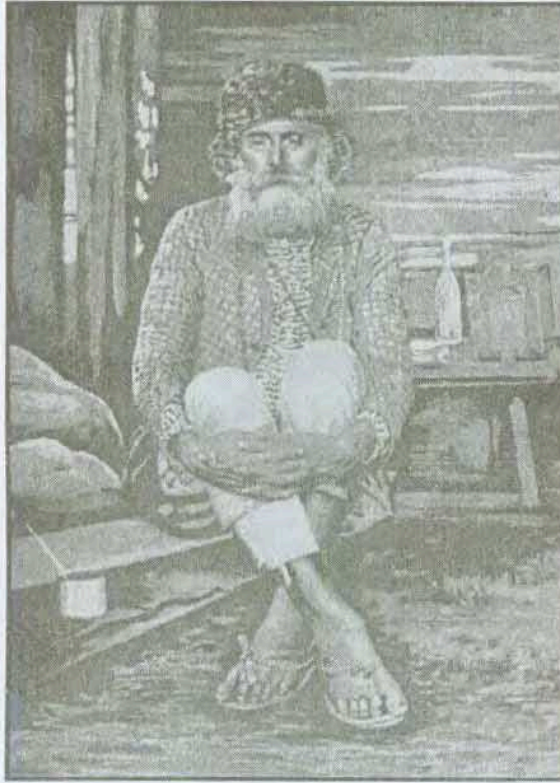
O resultado da pesquisa, compendiada no volume “São João Maria na História do Contestado” (Universidade do contestado - Campus de Caçador - 1997), é surpreendente em muitos aspectos em face dos detalhes inéditos que revela e do maior interesse para os leitores, em especial os aficcionados do tema, cada vez em maior número, não apenas no Estado mas em todo o País. Era um livro que faltava e melhor não poderia ser sua autoria, assinado que é por um dos grandes conhecedores do assunto.

Começa o ensaio recordando que existiram na verdade dois “monges” do mesmo nome: João Maria de Agostinho, religioso italiano que chegou ao Rio em 1844, e João Maria de Jesus, cujo nome seria Anastás Marcaf, francês para uns, árabe para outros, vindo da Europa, possivelmente em 1867. Ambos perambularam por muito tempo na região do Contestado, razão pela qual estão unificados numa só pessoa no imagi-

---

\*) Escritor e advogado.

imaginário popular, envoltos em mitos e lendas sem conta. Para o povo é um só: “São João Maria”.



**Monge João Maria**

Examina, em seguida, a biografia de cada um deles, levando tudo aquilo que possa ser considerado real e baseado em fontes confiáveis, o roteiro das andanças pelo nosso Estado, por outros Estados e até pela Argentina e pelo Paraguai. Munido desses dados, estuda a tradição de São João Maria” na região do Contestado e a forma como se disseminou a crença nos poderes místicos do monge, considerado por historiadores como elemento precursor do messianismo que eclodiria na Guerra do Contestado (1912 - 1916). Examina ainda outros aspectos de interesse, enriquecendo-os sempre com as observações de quem conhece os fatos não apenas dos livros, mas também palmilhando a região em todos seus



recantos, em contato direto com o povo e nos próprios locais por onde andou o “monge”.

Conclui seu trabalho com as seguintes palavras: “Entramos no coro de todos aqueles que estão conscientes do fato de que João Maria continua sendo o santo caboclo do Contestado, de todos aqueles que percebem estar a região ainda coberta por uma aura mística, de todos aqueles que distinguem o real do mito e o perceptível do imaginário, daqueles que valorizam as tradições do passado e daqueles que não querem permitir que o tempo apague mais vestígios desta herança cultural.”

É mais uma contribuição importante do estudioso caçadoreense ao conhecimento das coisas de nosso Estado.

### Mais que uma antologia

Mais que uma antologia, “Desbravadores da Contramão”(1997), de autoria de Torres Pereira, é a própria história da literatura praticada em Chapecó, desde os primórdios até hoje. Em estilo breve, sintético e bem humorado, esse português radicado em nosso País desde 1976 mergulhou fundo na obra dos autores chapecoenses, nativos e adotivos, para registrá-las e analisá-las, sejam em verso ou em prosa, e transcrevendo suas passagens mais expressivas e significativas. Com olhar arguto, nada deixou escapar, ressaltando as características de cada autor, sua importância no cenário e sua participação na vida literária e cultural. Não se furtou de fazer breves comentários sobre as próprias personalidades de muitos autores e sua repercussão nos textos por eles produzidos. Associações de autores, entidades dedicadas às letras e às artes, eventos de repercussão e até locais simpáticos às atividades literárias e culturais em geral merecem uma referência no correr no livro. O resultado é um painel, sucinto mas completo, como não existe em outra cidade ou região do Estado.

Embora o autor não privilegie ninguém, dando a todos um tratamento equitativo, é evidente que alguns escritores, prosadores e poetas, sobressaem pela qualidade da obra, pela liderança exercida e pela persistência no trabalho numa atividade que costuma ser ignorada, quando não hostilizada. Como diz o autor, o livro “trata do trajeto daqueles que sem



nenhum ou quase nada de apoio cultural, mas munidos de muito amor e desmedido idealismo - iniciaram e deram prosseguimento ao movimento literário em nossa cidade.” E nessa luta todos são desbravadores, mesmo andando na contramão.

Homem de vasta atividade, nas letras e na vida, Torres Pereira se credencia como o grande sistematizador da literatura chapecoense e seu livro será sempre incontornável em qualquer abordagem futura do assunto.

### Outros Livros

Registro ainda vários outros livros de autores catarinenses surgidos no período. Alguns deles, na medida do possível voltarão a ser abordados mais tarde. São eles: “Um Largo, Sete Memórias”, romance histórico e biográfico de Artista Bittencourt, de autoria de Aldolfo Boos Júnior; “Contos de Carnaval”, coletânea organizada por Francisco José Pereira, reunindo dezesseis contistas das mais diversas tendências; “Literaturas em Indaial”, coletânea de poetas e prosadores daquela cidade, organizada por Siegrid Wamser Ribeiro; “Um Cadáver na Banheira”, romance policial do blumenauense Maicon Tenfen, designado pelo autor como folhetim contemporâneo; “Numa Fonte Cristalina” e “Defesas Perante o Tribunal do Júri”, ambos de Paschoal Apóstolo Pítsica; “Micolau Matoso da Selva”, romance infanto-juvenil de Shiyozo Tokutake, escritor paulista que se radicou em nosso Estado; “Seleção de Vozes da Poesia”, quarta antologia poética de A. Figueira, organizada por Abel Beatriz Pereira. Registro ainda o lançamento do primeiro número da “Revista Jurídica” da Associação Catarinense do Ministério Público, realizando antigo projeto de seu presidente Paulo Roberto Speck e contando com trabalhos de inúmeros colegas da Instituição. Circularam ainda o número 15 da “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina” e o volume II da “Revista Jurídica” dos acadêmicos de Direito da FURB.



Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

- ) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)
- ) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)
- ) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
- ) Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (Cada exemplar/número antigo)



Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **1998** (Tomo 39). Anexo a este cupom a quantia de R\$ .....,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:



Forma de pagamento:

Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

Cheque

Banco: .....

Número: .....

Valor: R\$ .....

**Dados do assinante:**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Caixa Postal: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_ Fone p/ contato: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_



.....  
Assinatura

**Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"**

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

- Aíga Barreto Mueller Hering
- Alfred Luiz Baumgarten
- Altamiro Jaime Buerger
- Annemarie Fouquet Schünke
- Ariano Buerger
- Benjamim Margarida (*in memoriam*)
- Genésio Deschamps
- Mark Deeke
- Nelson Vieira Pamplona
- Victória Sievert**
- Willy Sievert (*in memoriam*)
- BTV - Blumenau TV a Cabo**
- Buschle & Lepper S/A
- Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
- Eletro Aço Altona S/A
- Gráfica 43 S/A Ind. Com.
- Hering Têxtil S/A
- Herwig Schimizu Arquitetos Associados
- Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.
- Lindner Arquitetura e Design
- Madeiraira Odebrecht
- Transformadores Mega Ltda.
- Unimed Blumenau



**TOMO XXXIX**  
Maio de 1998 - Nº. 05





“ A reconstituição de imagens femininas corre o risco de apenas reproduzir o mítico. Dar historicidade a estas imagens é buscar, não as suas origens ou causas, mas os momentos em que tais imagens são reativadas e proliferam. Demonstram, não somente a resistência dessas normas culturais, como também a importância das mulheres e de seu comportamento nos embates sociais.

Joana Maria Pedro : "Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: uma questão de classe"

”

